

## Organização

Maria Ataíde Malcher

Jane Aparecida Marques

Leandro Raphael N. de Paula

História|Comunicação|Biodiversidade na

# AMAZÔNIA

Durval de Souza Filho	Maria Ataíde Malcher
Francisco de Assis Costa	Joel Cardoso
Aldrin Moura de Figueiredo	Regina Lima
Netília Silva dos Anjos Seixas	Uriel Pinho
Vanessa Brasil de Carvalho	Ronaldo de Oliveira Rodrigues
Phillippe Sendas de Paula Fernandes	Rosiane Ferreira Gonçalves
Luciana Miranda Costa	Rosiane Pinheiro Palheta
Keila Andreane Corrêa da Silva	Neusa Pressler
Leandro Raphael N. de Paula	Dóris Santos de Faria

**ACQUERELLO**  
design&editora

São Paulo, inverno de 2012

## Mirada sobre o cenário midiático amazônico

Ronaldo de Oliveira Rodrigues  
Maria Ataíde Malcher

### Introdução

A comunicação mediada pelos meios de comunicação de massa é um dos maiores destaques do século XX (WOLTON, 1999). Neste texto, parte-se então do pressuposto de que não há como pensar os processos sociais, políticos, econômicos e culturais de uma sociedade sem compreender os fios explicativos comunicacionais que permeiam suas estruturas.

A partir do século XX, com as transformações e inovações tecnológicas em larga escala e em tempo cada vez menor (o que se intensifica com a globalização), a necessidade de um pensamento mais intersetorial tornou-se essencial para o estudo dos meios de comunicação.

Segundo Fadul (1998, p. 74) “a globalização da cultura está intimamente relacionada com a globalização da mídia, por um lado, e com a globalização da economia, de outro lado”. Deve-se, então, valer-se do pensamento de que ora a mídia, ora a economia (ou as duas ao mesmo tempo) são elementos que contribuem para a constituição de um imaginário que é coletivo (global) e ao mesmo tempo local.

Com a globalização, mesmo diante das dificuldades a serem transpostas, o local torna-se mais visível. Deve-se reconhecer que essa “visibilidade” passa pelos interesses dominantes, bem como pelo entrelaçamento com a cultura. Nessa conjuntura, ganha força o processo de regionalização. Não se pode negar que as mídias massivas são fundamentais para a dinamização desse processo, pois a partir delas é que ele se intensifica.

Para Wolton (2000, p. 89-90 *apud* COELHO, 2007, p. 320), o local não tem “perfume de pureza virginal” e os meios de comunicação social, sejam locais ou regionais, enquanto não conseguirem libertar-se de um conjunto de marcas negativas<sup>1</sup> que os caracterizam, não poderão contribuir para a ressignificação do espaço público, ou seja, os meios devem contribuir para melhorar a organização da própria sociedade, por atuarem ativamente como produtores e produtos da realidade contemporânea.

É pertinente manifestar a insatisfação sentida em razão de, há muito tempo, a Amazônia ser lembrada somente pelas suas belezas e riquezas naturais ou, em outros momentos, quando é foco de temas polêmicos, o que não deixa de estar relacionado à primeira problemática.

Os meios de comunicação em muito contribuíram, e ainda contribuem, para a apresentação da realidade regional e local, contudo, eles assumem, também, outra função que vai além da reprodução de uma imagem estereotipada, colaborando, de alguma maneira, para dinamizar os modos de vida da população amazônica, pois em uma região em que o transporte hidroviário constitui-se também significativo meio de comunicação<sup>2</sup>, as mídias massivas impulsionam novas formas de existência, intensificando o encontro de crenças, hábitos, valores e realidades.

Neste capítulo a intenção é debater sobre os meios de comunicação na Amazônia, especificamente a circunscrita à Região Norte do Brasil. Para isso a opção foi iniciá-lo a partir de considerações gerais sobre o

1 Entende-se, em relação ao conjunto de marcas negativas, o discurso dominante portador do estereótipo reforçado pela produção realizada nos próprios meios de comunicação locais e regionais.

2 Considerando que o acesso por vias rodoviárias ou pelo sistema de transporte aéreo é bastante limitado na região, é natural que o transporte hidroviário se configure como elemento central que provoca encontro entre as pessoas, proporcionando, então, a existência de um processo comunicativo peculiar, que tem nos portos espaços convergentes do dinamismo urbano e rural.

referido tema, citando exemplos de observações realizadas na Comunidade São Pedro<sup>3</sup> em Breves-Marajó-Pará<sup>4</sup>. Em seguida, apresenta-se um mapa descritivo e analítico da mídia na região, propondo reflexões sobre a realidade encontrada em seus diferentes estados.

A partir de um panorama contextualizado, a proposta foi realizar uma investigação densa, mas não conclusiva. Os aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais e educacionais, que permeiam e são permeados também pelas questões midiáticas, não poderiam ser desprezados.

Mesmo que o panorama não seja completo, o importante é trazer informações relevantes e contextualizadas sobre a disposição dos meios de comunicação massiva na região amazônica, de modo que a partir disso seja possível compor estudos cada vez mais sistematizados em relação aos aspectos midiáticos dessa realidade, o que, sem dúvida, será fundamental para novas compreensões desse cenário.

### **Meios de Comunicação Massiva na Amazônia**

Um ponto significativo para a tentativa de compreensão dos meios de comunicação massiva na Amazônia envolve a passagem do individual para o coletivo, do coletivo para o individual e a existência de ambos os processos simultaneamente. A chegada das mídias massivas nessa região implicou novas formas de perceber o sentido de individualidade e coletividade, pois, ambos não podem mais ser analisados somente sob a égide da tradição que os acompanhou durante séculos.

Desapareceu o tempo em que o sentido de individualidade e coletividade estava relacionado à quantidade de pessoas. O século XIX marca nitidamente o início de uma nova configuração de agrupamento humano. Antes, normalmente se vivia em pequenas vilas, em que, se não todas, pelo menos a maioria das pessoas se conhecia e se relacionava.

Com o processo de industrialização, uma quantidade significativa de pessoas deslocou-se para os centros urbanos, onde os indivíduos, geralmente, não se conhecem. Por necessidade, essa aglomeração força o contato com pessoas desconhecidas, mas restrito a um toque rápido, não alcançando o convívio e muitas delas permanecendo sempre desconhecidas.

O homem moderno é rodeado de gente, mas é solitário. É solitário e ao mesmo tempo tem muitos amigos (virtuais, por exemplo). Não seria possível fazer tais considerações sem levar em conta a presença das tecnologias, em especial das mídias massivas na sociedade.

Na atualidade, uma forma diferenciada de perceber a passagem do individual para o coletivo está no fato de muitos compartilharem do mesmo espaço para ouvir o rádio ou assistir a TV, mesmo que não desejem estar em grupo.

A passagem do coletivo para o individual pode ser percebida nos momentos (principalmente à noite) em que já não existem mais aqueles grupos de pessoas em frente às casas, reunindo vizinhos para, simplesmente, conversar, pois já é um tempo ocupado pelas mídias. Contudo, quase que concomitantemente este individual se torna coletivo, à medida que as pessoas se reúnem para acompanhar a programação da TV, que por seu turno é discutida no cotidiano, como ocorre na comunidade de São Pedro.

Vale considerar que o fato de muitas pessoas estarem no mesmo espaço, diante de uma televisão, não significa necessariamente que haja interação<sup>5</sup> entre elas, mas se a interação ocorrer, a partir do dito midiático,

3 A comunidade São Pedro é formada por cerca de 40 famílias e possui aproximadamente 160 moradores. Deste total, 30 famílias (cerca de 105 pessoas) moram no terreno da vila e as demais moram nas proximidades, cujo acesso se dá por meio de canoas, ou barco de pequeno porte. Em relação à cidade de Breves a distância é de 20 km do centro da comunidade pela PA-150.

4 Observações realizadas para o desenvolvimento da dissertação intitulada "Tv aberta no Marajó: usos e apropriações pelos moradores da Comunidade São Pedro em Breves-Pará-Amazônia" de autoria de Ronaldo de Oliveira Rodrigues, orientado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Ataíde Malcher; Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará.

5 A esse respeito Kerckhove (*apud* KENSKI, 2003) diz que nas sociedades primitivas as fogueiras eram úteis para que as pessoas ao redor delas pudessem manter algum tipo de comunicação. Hoje a fogueira pode ser a televisão. Ela pode gerar comunicação ou não.

acredita-se que possa existir uma contribuição significativa para o processo comunicacional fomentado pelo conteúdo transmitido pelos meios.

É pertinente afirmar que “nunca existe comunicação por si, ela está sempre ligada a um modelo cultural, ou seja, a uma representação do outro, uma vez que comunicar consiste em difundir, mas também em interagir com um indivíduo ou uma coletividade” (WOLTON, 1999, p. 10).

Nesse sentido o conceito de comunicação remete a uma troca entre pessoas não necessariamente em contato entre si (dadas as distâncias físico-geográficas). Afirma-se, então, que a comunicação, a partir das mídias massivas, passa a ter sentido em função das relações sociais estabelecidas, configurando um novo cenário de existência.

Na “sociedade da midiática”,

*esse novo cenário de interação produz rupturas, mas também a necessidade de dispositivos que reinstaurem novas formas de contato. Nele as mídias não são apenas meios, mas um amplo ambiente, e assim se transformam em dispositivos, espécie de “sistema” regulador que, através de suas próprias auto-operações, realizam o funcionamento de um novo tipo de trabalho do registro simbólico (FAUSTO NETO, 2008, p. 127).*

Na realidade, essas novas formas de contato, em que as mídias são ambientes, passam pelas operações de incorporação do dito midiático à linguagem privada e, conseqüentemente, coletiva. Passam também por uma coletivização, muitas vezes forçada, em que muitos se reúnem no mesmo cômodo para desfrutar da programação da TV. Exemplo disso é retratado pelo depoimento de um morador da comunidade São Pedro, também professor em outro distrito do município de Breves<sup>6</sup>

*Somos quatorze em casa, mas geralmente, principalmente à noite, muitos mais se reúnem para acompanhar as novelas [da Globo]. [...] Quando é hora da novela só ouvimos as falas dos atores e atrizes, mas quando é hora do jornal [nacional] é um alvoroço tão grande que não dá para entender nada, porque as pessoas não ligam para assistir ao jornal (FSC, professor, 38 anos).*

A assistência coletiva, muitas vezes forçada, está no fato de não se contar com um espaço para assistir a TV individualmente. Essa é uma realidade muito comum para aqueles que habitam na zona rural amazônica (ou seja, mais de 4 milhões de habitantes, conforme IBGE/CENSO, 2010).

“Quando se fala de Amazônia é preciso estar atento para saber de que Amazônia se está falando” (GONÇALVES, 2010, p. 17). Para efeito de esclarecimento, a Amazônia Legal é composta por nove estados. Os sete estados da Região Norte (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins), mais um estado da Região Nordeste (Maranhão), mais um estado da Região Centro-Oeste (Mato Grosso).

Neste estudo sempre que se fizer referência à Amazônia, a proposta deve ser entendida mais especificamente à Região Norte e, de forma mais dirigida, ao lócus de pesquisa escolhido. Este fator deve-se a duas razões. Primeiro por acreditar que não há uma Amazônia e sim várias, ou seja, a variedade de elementos é incontável e ao extrapolar os limites da Região Norte, pode-se incorrer no erro de tratar sobre algo ainda mais desconhecido. Segundo, esta pesquisa tem sua razão de ser na necessidade de compreender o cenário midiático amazônico, acredita-se, que para fins de análise, é de grande valor tratar sobre o cenário desta região, em particular.

É preciso lembrar ainda da Amazônia dos rios de águas brancas, pretas, a Amazônia dos manguezais, dos cerrados, das florestas, pois “A Amazônia não é [...] uma região fácil de definir, e delimitar, a começar pela pluralidade de sentido do termo que a nomeia, que tanto pode significar uma bacia hidrográfica como uma província botânica, um conjunto político, como espaço econômico (PAES LOUREIRO, 2001, p. 69).

<sup>6</sup> O município de Breves, em relação à sua organização administrativa, é formado por 4 (quatro) distritos: Breves (distrito-sede), São Miguel dos Macacos, Antônio Lemos e Curumú. Todos os três distritos possuem um agente distrital, indicado pelo gestor municipal.

A Amazônia, que tem uma particularidade bem específica em relação às demais regiões do país, tem nos rios sua forte expressão de vitalidade. Essa especificidade pode ser exemplificada pelo acesso às diversas localidades da região, pois “chega-se à maioria das cidades da Amazônia pelo rio e delas é possível se contemplar uma paisagem cujo limite é o reencontro das paralelas no horizonte em que o céu e as águas parecem se abraçar, quer se olhe em direção ao Ocidente ou ao Oriente” (OLIVEIRA, 1995, p.156).

Não é por acaso o fato de o povo amazônida construir, usualmente, suas variadas formas de comunicação e transporte utilizando o rio como meio. Destaque-se que em função do crescimento das cidades, localizadas quase sempre às margens dos rios, à visão primeira para quem chega – a torre da igreja, geralmente chamada matriz –, hoje se somam às torres de antenas de TV, de celular, de rádio, de provedores de acesso à internet, que gradativamente começam a compartilhar um espaço antes somente do religioso; situação demonstrada na comparação das imagens a seguir.



Imagem 1: Frente de Breves | Ano: 2004



Imagem 2: Frente de Breves | Ano: 2012 | Fonte das imagens 1 e 2: Acervo dos Pesquisadores



Imagem 3: Frente da cidade de Afuá (2011) | Fonte: Acervo dos Pesquisadores

Por outro lado, há aqueles locais que mantêm um cenário paisagístico que preserva as características tradicionais típicas do religioso, como na imagem a seguir, que registra o momento da celebração da Santa Padroeira do município.

O vínculo do povo amazônida com a água e com o religioso pode ser muito bem caracterizado a partir da seguinte afirmação:

*A efetivação do projeto evangelizador agostiniano, na imensa porção da região constituída pelos municípios de Afuá, Anajás e parte de Breves, com destaque para Chaves, por comportar, em sua extensão espaço de manifestação da pororoca, exigia dos padres de Afuá o decifrar dos códigos e linguagens das águas. Os longos anos de presença de um mesmo padre na direção da paróquia sede daqueles povoados, podem ser explicados pela necessidade do religioso para conviver e aprender, com populações locais, movimentos e dinâmicas em cursos de rios e águas da Amazônia (PACHECO, 2009, p.55).*

A descrição de Pacheco retrata o quanto o imaginário do povo amazônida (no caso Marajoara) é permeado por elementos da natureza, bem como pela forte influência da presença religiosa, em especial, católica. Na verdade, não é raro encontrar nos textos que tratam sobre Amazônia a confluência de fatores que permeiam o imaginário de seu povo a partir dos aspectos naturais e do religioso, tornando-se impossível, e inconsequente, desprezá-los. O que não significa que o amazônida tenha parado no tempo.

É fundamental considerar que as embarcações fluviais constituem um meio de transporte essencial para a Região. É bom lembrar que para essa realidade, especialmente nos Estados do Pará e Amazonas, as águas são tão importantes quanto as ruas, estradas, avenidas e a terra firme.

Novos conceitos, novas formas de ver o mundo e novas paisagens se imbricam na dinâmica atual de rápidas mudanças provocadas pelas tecnologias. Na Amazônia essa realidade não é diferente e talvez seja ainda mais intensa pelo fato de que há pouco tempo tem vivenciado essas transformações.

*A Amazônia, entendida como espaço físico-geográfico e humano, não constitui algo homogêneo nem um vazio. Aqui sobrevivem grupos aos quais a mídia, com frequência chama de “povos da floresta”<sup>7</sup>, às vezes “povos da Amazônia”, para os quais torna-se familiar a presença de antenas parabólicas, sucedâneas do rádio, tornando presentes, no lugar, realidades do mundo contemporâneo (DUTRA, 2009, p.17).*

A afirmação anterior traz a necessidade de se refletir acerca da mudança de paisagem e dos hábitos de vida do povo amazônida, pois a cultura amazônica brasileira tem recebido diariamente, ininterruptamente, uma quantidade significativa de conteúdos a partir dos meios de comunicação, em especial da televisão. Esse fato implica mudanças consideráveis no cotidiano dos moradores.

Para Fausto Neto (2008, p. 119-120),

*O desenvolvimento e a intensificação das convergências tecnológicas (informática, telecomunicações e audiovisualidades) têm produzido a gênese, organização e efeitos nos processos de interação social, designados como novas formas tecnológicas de vida. Esses processos, também compreendidos como midiaticização da sociedade, afetam os campos sociais, suas práticas e suas interações, pois passam a se organizar e a funcionar tendo como referência a existência da cultura, de lógicas e operações midiáticas.*

A lógica da midiaticização tende a redefinir os processos de interação nos mais variados grupos sociais, contudo esses processos não podem ser analisados de forma isolada no contexto em que ocorrem, até porque o que as pessoas têm como referências para respaldar suas ações e pensamentos são os elementos já existentes no seu cotidiano, somados aos veiculados pela mídia.

<sup>7</sup> Dutra (2009, p. 43) diz que aquilo que a mídia chama de povos da floresta encontra dificuldades classificatórias. Pois, “sem explicar verbalmente, deixa a entender, pelas imagens, que se trata de algo como uma categoria-ônibus, na qual cabem tanto índios que vivem nas aldeias, índios que vivem nas cidades, vendedores de produtos da floresta em feiras urbanas, pescadores, pequenos agricultores de zonas ribeirinhas, coletores de essências da floresta, etc”.

Vale lembrar que na Comunidade São Pedro, de um total de 30 famílias, são 27 as que possuem antenas parabólicas<sup>8</sup>. Algumas famílias dispõem de mais de um aparelho de TV e, conseqüentemente, duas antenas parabólicas. O que criou para muitos a necessidade de construir um cômodo a mais na casa<sup>9</sup>. Nesse caso, tal construção, geralmente, é feita pelos próprios moradores, que exercem a atividade processual completa, desde ir para a floresta (para retirar a madeira), plainar a matéria-prima, à conclusão do novo cômodo.

Informações como essas permitem o entendimento de que esse recente cenário amazônico, ao mesmo tempo em que é redefinido pelos novos elementos comunicacionais, mantém vivo seus elementos que historicamente o fazem ser reconhecido como uma região de hábitos, populações, tradições e crenças bastante peculiares.

De acordo com Taveira,

*as pessoas que moram na Região Norte são muito ligadas à cultura local. Primeiro, porque há um contato muito grande com a terra, resultando num grande apego ao espaço geográfico. Segundo, o clima, a vegetação e a economia fazem com que o povo sustente mais seu jeito de ser e se apegue ao lugar e aos seus moradores [...] as pessoas vivem em comunidade [...] Terceiro porque como há uma grande distância (em todos os sentidos) das demais regiões brasileiras, o povo passa a valorizar mais sua vida e, quando viaja, de barco ou de avião, sai para conhecer outras realidades [...] sem abrir mão de serem patriotas da “Pátria amada e idolatrada”, pois, sendo rodeado por fronteiras, defende o solo brasileiro (TAVEIRA, 2004, p. 105-106).*

A visão de Taveira parece romântica em relação à Região Norte. Contudo, acredita-se que distante das capitais e das grandes cidades é uma compreensão bastante aceitável. No entanto, já não é mais tão aceitável para as pessoas que moram nas capitais da região, porque as mesmas, em grande parte, já vivem de uma maneira muito semelhante à dos grandes centros urbanos brasileiros e, até mesmo, mundiais; talvez em razão do trabalho, do alto índice de violência e da própria dinâmica de vida nesses espaços (a pressa, a insegurança, a desconfiança etc).

No que se refere à presença dos meios de comunicação na Amazônia deve-se considerar que “a introdução da televisão no Brasil coincide com o começo de um importante período de mudanças na estrutura econômica, social e política” (MATTOS, 2010, p. 31).

Nesse sentido, enquanto o governo federal discutia os grandes projetos (Carajás, Tucuruí, Transamazônica, Zona Franca de Manaus) para a expansão da região amazônica, debatendo sua interligação aos demais locais do Brasil, a partir da construção de estradas, “no restante do país estavam sendo instaladas estações repetidoras e canais de micro-ondas, surgindo as redes de televisão, com a programação centralizada no Rio e em São Paulo<sup>10</sup>” (TAVEIRA, 2004, p. 103).

Considerada essa realidade, não surpreende afirmar que “na Amazônia, a televisão chegou, oficialmente com o interesse governamental sobre a região” (AGRA; BERNO, 2000, p. 3). De acordo com Caparelli,

*A televisão talvez fosse o melhor meio de comunicação para representar esta espécie de integração. Porque refletia a acumulação e concentração de capital, era formada por um oligopólio da indústria da informação, estava situada num país dependente e tendia a reproduzir internamente as disparidades a nível internacional (CAPARELLI, 1982, p. 34).*

8 É importante registrar que, na comunidade estudada, se não for através de antena parabólica, não há recebimento de sinal (emissora) algum na TV.

9 A maioria das casas na comunidade é construída em madeira (apenas uma tem piso em alvenaria). Geralmente são casas de dois cômodos e andar térreo (apenas duas casas, em construção, estão fugindo desses padrões – ou seja, serão de dois andares). Boa parte delas está passando por um estágio de reforma, já que ainda mantém os alicerces do período de chegada dos moradores.

10 Sobre isso vale lembrar que a televisão brasileira nasceu regional, em São Paulo, no ano de 1950, com a Televisão Tupi Difusora, canal 3, trazida por Assis Chateaubriand. Menos de um ano depois, outra emissora era inaugurada no Rio de Janeiro, também da Tupi, o canal 6, VHF (MÜLLER, 2007).

Em relação a esses aspectos o Panorama Evolutivo da Mídia (1970-1979, p. 12) traz a informação de que “o impulso final viria com a implantação do Sistema Nacional de Telecomunicações que previa a instalação de pelo menos um canal em toda capital ou grande cidade, visando a integração de todo País”. A telecomunicação se constituiu, então, como, o grande elemento de integração da Amazônia ao restante do país.

De acordo com Amaral; Guimarães (1994), na década de 1970 a política de telecomunicação tinha entre outros objetivos oferecer ao país uma programação televisiva única, facilitando a expansão de várias redes de televisão. Contudo, hoje muitas críticas se estabelecem a esse modelo, considerando que a proposta de programação única em nível nacional é incabível. Para esse fato pesam as mudanças ocorridas na mídia, implicando a concepção de que a programação nacional deve incorporar a regional.

A título de informação<sup>11</sup>, vale considerar que no dia 08/11/2011, após discussão do tema na Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, o Relator do projeto (PL 7075/02, do Senado Federal) que determina uma cota única de 30% de programação local e regional nas emissoras de rádio e televisão, deputado Pinto Itamaraty (PSDB-MA), declarou que pretende sugerir mudanças e que deve propor cotas variáveis às emissoras, conforme a população ou o tamanho dos municípios.

Para o representante da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), Paulo Tonet Camargo, a cota única de 30% é inviável em razão de duas situações. Primeiro, porque contempla rádio e TV na mesma proporção. Segundo porque ela é imposta para todas as praças, em todas as regiões – em se tratando de radiodifusão comercial, os mercados em cada canto do país são muito díspares. Então, para o presidente da Abert, é preciso adaptar as cotas e percentuais, para que sejam compatíveis com cada local do Brasil, sendo possível sustentar a produção local e regional.

O diretor do Departamento de Outorga e Serviços do Ministério das Comunicações, Demerval da Silva Junior, concordou que a cota exigida deve levar em conta as diferenças regionais. Ele afirmou que o ministério apresentará uma proposta semelhante no novo marco legal para o setor de comunicação, que irá à consulta pública em breve.

*Há realidades diferentes para cidades menores e cidades maiores. Dessa forma, a modulação por população, por tamanho do município é importante. Além disso, é preciso escalonar o tempo exigido de programação local e regional: não dá para sair de 8% [da grade ocupada por essas atrações], que é a realidade atual, para 20% ou 30%, de uma hora para outra (DEMerval JÚNIOR, Minicom)*

Observadas essas questões, acredita-se que conhecer um pouco melhor o cenário midiático da Amazônia na atual conjuntura, não somente em relação à TV, mas também considerando outras mídias, poderá contribuir de maneira bastante significativa para um melhor entendimento das relações de comunicação massiva estabelecidas na região.

### **Região Norte**

A Região Norte é a maior região do país em extensão territorial. Possui aproximadamente 3,9 milhões de km<sup>2</sup>, constituindo cerca de 45% da área total do Brasil, formada por sete Estados: Acre (AC), Amapá (AP), Amazonas (AM), Pará (PA), Rondônia (RO), Roraima (RR) e Tocantins (TO). Ela apresenta fronteiras com seis países sul-americanos (Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname), além do território da Guiana Francesa. É uma região que possui uma biodiversidade muito rica em razão da Floresta Amazônica.

Como já mencionado anteriormente todos os setes estados dessa região fazem parte da Amazônia Legal, o que fundamenta que a realização de um estudo nesses estados, em relação aos meios de comunicação, é extremamente representativo para a composição do cenário midiático da Amazônia.

<sup>11</sup> Baseado em material divulgado pela redação da Agência Câmara de Notícias em 2011. Acesso em 08/11/2011.



Em relação à extensão territorial e a sua demografia, a Amazônia se apresenta:

Tabela 1 - Região Norte

Estado	Área (Km <sup>2</sup> )	Pop. Urbana	Pop. Rural	Pop. Total	Dens. Dem.	Nº de Munic.
Acre	164.122,280	532.279	201.280	733.559	4,47	22
Amapá	142.827,897	601.036	68.490	669.526	4,69	16
Amazonas	1.559.161,682	2.755.490	728.495	3.483.985	2,23	62
Pará	1.247.950,003	5.191.559	2.389.492	7.581.051	6,07	143
Rondônia	237.590,864	1.149.180	413.229	1.562.409	6,58	52
Roraima	224.301,040	344.859	105.620	450.479	2,01	15
Tocantins	277.621,858	1.090.106	293.339	1.383.445	4,98	139
Total		11.664.509	4.199.945	15.864.454	4,1	449

Fonte: IBGE | Censo 2010

Estão localizados na Região Norte os dois maiores estados do Brasil em extensão territorial: Amazonas e Pará. Encontram-se também os três maiores municípios do país considerando o mesmo critério (Altamira – PA, Barcelos – AM e São Gabriel da Cachoeira – AM), cada um possui área superior a 100.000 km<sup>2</sup>.

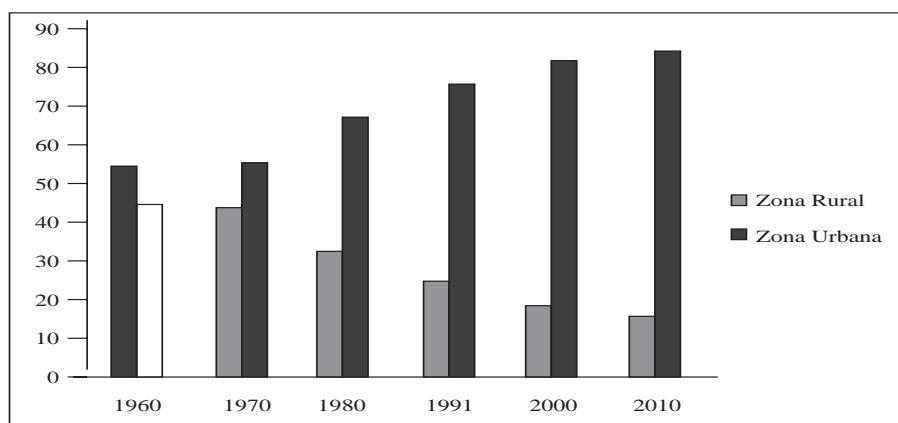
Apesar de suas dimensões continentais, é a segunda região do país menos habitada (somente o Centro-Oeste tem quantidade inferior). O que a faz ter uma densidade demográfica de 4,1 hab/km<sup>2</sup>.

É um quantitativo populacional ainda muito pequeno quando comparado ao seu território total. Por outro lado é a região que apresenta a maior média de crescimento demográfico do país (2,1% ano). As áreas de maior densidade continuam sendo apenas as capitais dos estados (Belém e Manaus, por exemplo) e algumas cidades que constituem regiões metropolitanas (como no caso de Ananindeua no Pará).

No geral há um quantitativo de 450 municípios que compõem esta região. O Estado que tem o maior número de municípios é o Pará (143) e o menor é o de Roraima (15).

Sua população de 15.864.454 habitantes (IBGE, 2010) corresponde a 8,3% do total de habitantes do país. Destes, são mais de 4 milhões de pessoas que vivem na Zona Rural, ou seja, 26,4% da população. Isto significa dizer que, depois da Região Nordeste (26,8%), é a região que mais tem pessoas vivendo fora dos centros urbanos. Para melhor compreender o processo histórico de evolução demográfica no país, considerando população rural e urbana, apresenta-se o seguinte gráfico:

Gráfico 1-Evolução da População Rural e Urbana no Brasil



Fonte: IBGE | Censo Demográfico: 2010

Conforme se observa, no ano de 1960 a população rural era maior no Brasil. Esta realidade tem a ver com o processo de Revolução Industrial, que se inicia na Inglaterra e tem seu ápice (final da 1ª fase) por volta de 1960. Como o Brasil viveu sua Primeira Revolução Industrial cerca de cem anos mais tarde, somente a partir de 1930, no Governo de Getúlio Vargas, é que esse processo inicia uma mudança significativa na dinâmica de vida (rural e urbana) da população. Daí, talvez uma das possíveis explicações para até o ano de 1960 a zona rural ter maior concentração populacional no país.

É impossível fazer qualquer tentativa de situar este local de onde se fala sem mencionar a participação dos indígenas na constituição dessa região. De acordo com o IBGE (2010), a Região Norte concentra a maior população indígena do país. Dos 817.963 índios em todo o território brasileiro, somente nos estados do Norte vivem 305.873.

Já em termos econômicos, considerando o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, a região contribui com apenas 5%. A menor contribuição entre todas as regiões do país. Nesse cenário a maior participação é do Pará com 1,9% e a menor é a de Roraima, com 0,2% (IBGE, 2010), sendo esta última a menor do Brasil.

Os principais setores que contribuem para a sustentação das atividades econômicas da região são a agricultura, a pecuária e o extrativismo. De acordo com o IBGE (2010) os estados da Região Norte vêm aumentando sua participação no PIB desde 2002 e no caso específico do Pará isso se deve a indústria extrativa mineral. Acrescenta-se que o menor crescimento está registrado nos estados do Acre e do Amapá.

Atualmente, é difícil conhecer a realidade de qualquer região sem levar em conta os meios de comunicação massivos. Por isso é fundamental traçar alguns comentários sobre o estudo dessa temática na Região Norte.

Vale considerar que nesta região a presença dos meios de comunicação representa um elemento importantíssimo para a colocação de serviços básicos ao alcance da população. Um exemplo que pode ser citado é que ainda hoje é muito comum se ouvir “recados” ou informações trocados entre pessoas distantes uma das outras a partir do uso do rádio.

É uma região que não está isenta de um processo a nível macro, que acontece em todo o Brasil. A concentração de indústrias midiáticas que trabalha a informação de maneira centralizada é uma realidade que acompanha a trajetória de modernização das tecnologias, ou seja, o nacional e o global se destacam diante do local. Para compreender como isso se dá na região é importante considerar a centralização das indústrias das mídias por três grandes grupos de comunicação no Norte.

*A Rede Amazônica de Rádio e Televisão [RART] é macrorregional, pois está em quase toda a região (dos sete Estados, atua em cinco: Amazonas, Rondônia, Acre, Amapá e Roraima). A Organização Rômulo Maiorana se enquadra como mesorregional, por ter a maioria de seus investimentos no Pará. E, quanto à Organização Jaime Câmara, é um grupo atípico, pois tem empresas em Tocantins (Região Norte) e em quase todos os Estados do Centro-Oeste [grifos dos autores] (TAVEIRA, 2004, p. 107).*

Fazer uma análise desses grupos regionais implicaria analisar o processo de regionalização das mídias, o que constituiria um estudo a parte, não caracterizando objetivo deste texto. Contudo, é pertinente lembrar que para Peruzzo (1998), o crescimento dos meios comunitários foi possível graças à importância dada a regionalização. Não distante desta ideia, Fernandes (1998, p. 20) afirma que “a tendência à regionalização da mídia se configura como uma aspiração do povo. O conteúdo da programação quanto mais regional será, mais representativo do anseio da comunidade, gerando novos conhecimentos e resgatando hábitos e costumes”.

Nesse sentido, destaca-se a valorização do local, do regional, o que se justifica pelo fato de o receptor não se contentar somente com o que se transmite sobre o outro lado do mundo, mas também deseja saber um pouco mais sobre sua região e sobre sua cidade. Isso se evidencia na fala de AJS (75 anos, morador mais antigo da comunidade São Pedro):

*Em 2009, o pessoal da Liberal já veio aqui, conversaram com a gente pra saber se queríamos a instalação de uma antena repetidora, fomos a favor, mas até agora nada. Seria bom, porque bom mesmo é ver as coisas do nosso Pará... sabemos as coisas lá de fora, como por exemplo do Sul, mas daqui a gente não vê nada e se a Liberal vier então vai melhorar muito.*

Percebe-se então que, concomitantemente, existe o interesse pelo que acontece do outro lado do mundo e a preocupação em ter as notícias específicas da região em que o indivíduo está localizado.

Considera-se também que as informações sobre o global, sobre o distante, não amortece a curiosidade, a necessidade do reconhecimento, de ver a representação do que é próprio do local.

O que parece paradoxal, no depoimento do morador mais antigo da localidade, é que a esperança da chegada da repetidora da TV Liberal (Globo) é sinalizada também como promessa de uma produção mais regional, ou seja, ela traria conteúdos sobre a região. O que não é tão simples assim, considerando que aproximadamente 90% da programação da TV Liberal é recebida da cabeça de rede; fato que reduz a possibilidade de oferta de programação local.

Analisando, mesmo que superficialmente, o fato, afirma-se que os moradores teriam um pouco mais de informações sobre o Estado do Pará (mais precisamente sobre a capital) e algumas poucas notícias sobre o Marajó ou sobre a própria cidade de Breves. Para obtenção de informações do município seria interessante o funcionamento do sinal das repetidoras do próprio município, o que ainda parece distante de acontecer.

Assim, dada a realidade do cenário televisivo brasileiro, é explícito que “hoje, as redes dominam inteiramente a grade de programação e o que há para produção local são os espaços destinados a um fôlego regional. A TV local acabou virando visita em sua própria casa. São as marcas de um tempo globalizado” (PEREIRA, 2002, p.10).

Ao confrontar as considerações tecidas com a audiência dos conteúdos mais assistidos pelos moradores da comunidade São Pedro tem-se, por ordem de importância, o seguinte: telenovelas, telejornais, filmes, desenhos animados e programação esportiva (futebol).

Das telenovelas, cerca de 90% dos espectadores assistem somente as da Rede Globo. Entre os filmes há uma pequena preferência pelos da Rede Globo (55%) em relação aos do SBT (45%). Dos telejornais assistidos, 90% dos que acompanham frequentemente essa programação veem somente os da Rede Globo (principalmente o Jornal Nacional). Há outros que assistem somente o da Record. Os desenhos preferidos são os da SBT (90%) e em dias de programação esportiva (quarta e domingo), 95% a acompanham pela Rede Globo.

Esses dados sinalizam que os moradores da comunidade São Pedro não estariam completamente a par de questões mais regionais, uma vez que a preferência pelos telejornais é a segunda opção (considerando apenas o conteúdo) e, por sua vez, a programação da TV Liberal tem como características de sua produção local, os programas de jornalismo.

A partir dessas informações é possível afirmar que a esperança dos moradores de terem acesso a conteúdos mais próximos da realidade em que vivem, também deve se aliar a uma mudança de hábitos e de preferências em relação ao que assistir na televisão; o que, ainda assim, não seria garantia de conteúdos locais, em razão da escassez da produção de programação regional.

É interessante perceber que o processo de constituição das empresas de comunicação na Região acelera-se a partir dos anos 70, uma vez que

*a criação de rodovias, bancos, superintendências e instituições acadêmicas tinha como meta, também, fazer com que a Amazônia fosse vista como um grande polo de investimentos empresariais. Não foi à toa que, durante o regime militar, muitos empresários foram convidados a conhecer a região e a investir no local, pois se assim o fizessem teriam inúmeras facilidades fiscais (TAVEIRA, 2004, p. 103).*

Assim, pessoas interessadas em trabalhar na área comunicacional aproveitaram para disputar a mídia local, estadual e, até mesmo, regional. Nessa época é que se constituiu a Rede Amazônica de Rádio e Televisão, o maior conglomerado de comunicação da região.

Algumas datas são muito importantes para a constituição do cenário midiático amazônico atual. Em relação aos meios atuais ativos, no que se refere à mídia impressa, o Jornal “Alto Madeira” de Rondônia-RO é o mais antigo da região, fundado em 15/04/1917. O jornal “A Crítica” de Manaus – AM, lançado em 19/04/1949, é o segundo mais antigo. Mais de duas décadas depois se dá o lançamento do jornal “O Rio Branco”, em Rio Branco – AC, em 21/04/1969.

De acordo com as estatísticas organizadas por estes pesquisadores com base na Tiragem Média (TM) dos jornais impressos de todos os estados da Região Norte, considerando a periodicidade diária, chega-se ao dado aproximado de 250.000 tiragens. Essa projeção pode ser considerada como uma referência aproximada à quantidade de leitores desse tipo de mídia em toda a Região durante um dia.

É claro que é um dado que precisaria ser estudado mais profundamente, pois há jornais diários, semanais, bissetimanais ou quinzenais, trissemanais, e há também aqueles que circulam de terça-feira a domingo, de segunda-feira a sábado e de terça-feira a sábado. Há jornais diários de TM de 1.000 impressões (como o Jornal Novo Horizonte de Parintins – AM), bem como jornais de TM de 44.000 impressões diárias (como o caso do Jornal O Liberal, de Belém – PA)<sup>12</sup>.

Contudo, mesmo se estabelecendo algumas projeções de potenciais leitores, levando em conta outras periodicidades, esse dado não alcança 3% da população total da região, o que indica que a notícia, a partir da mídia jornalística, acaba chegando unicamente àqueles que podem pagar pelo serviço e/ou àqueles que têm como utilizá-lo<sup>13</sup>. Esse fato é observado no comentário do HMS (48 anos, morador da comunidade São Pedro), quando diz:

*Primeiro a televisão é melhor porque a gente não precisa ler. Segundo eu não sei ler direito, mal assino meu nome, por isso mesmo ter jornal para mim não iria fazer muita diferença. Terceiro é que tem que pagar né. Então se eu gastar R\$ 2,00 ou R\$ 3,00 com outra coisa eu já perco para o da farinha, do café, do leite ou outras coisas né?*

O comentário reflete algumas dificuldades de uso do jornal impresso por muitas pessoas da região, em especial, nas cidades do interior. Essas questões devem ser consideradas nas análises que envolvem as discussões sobre mídia massiva na região. Acredita-se também que, nessas localidades, a presença de outras mídias (como televisão e rádio) faz com o que o morador tenha menos necessidade (ou desejo) de ter contato com o jornal impresso.

No que se refere a dados históricos, a mídia impressa na Região Norte apareceu primeiramente no Pará (em março de 1822) com o jornal “O Paraense”. Posteriormente, no estado do Amazonas, o periódico “Cinco de Setembro” foi lançado em 03/05/1851 (BARBOSA, 1996 *apud* TAVEIRA, 2004, p. 111).

Em relação ao rádio, cita-se, como a mais antiga transmissora, a Rádio Clube do Pará (AM – 690), em Belém – PA, inaugurada em 22/04/1928<sup>14</sup>. É oportuno mencionar que há outras rádios em funcionamento na região e que também são bastante antigas, como a Rádio Difusora de Macapá (AM – 630), no estado do Amapá, inaugurada em 11/09/1946; a rádio Rio Mar (AM – 1290), de Manaus – AM, inaugurada em 15/11/1954 e a Rádio Marajoara (AM – 1130), de Belém – PA, inaugurada em 06/02/1954.

12 Dados elaborados com base no Anuário da Mídia 2011.

13 De acordo com o IBGE (2010) o país tem 14.612.183 de analfabetos entre mais de 162 milhões de brasileiros com mais de dez anos de idade, o que representa pouco mais de 9% da população a partir desta faixa etária. Do total de analfabetos, o Nordeste apresenta a maior taxa (17,6%) e o Norte a segunda maior (10,6%).

14 Como fonte para a definição dessa data utilizou-se estudos da Professora Luciana Miranda, Jornalista e Professora do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará; bem como as informações do Anuário de Mídia 2011.

Em relação à data de fundação e início do serviço radiofônico na região há um pequeno desencontro de informações, tanto em relação às datas como em relação à própria rádio. Barbosa (1996 *apud* TAVEIRA, 2004, p. 111) afirma que a rádio mais antiga é a Rádio Clube do Pará, fundada em 1925. Já de acordo com o Anuário da Mídia (2011) e os estudos da professora Luciana Miranda, o ano adotado como de início das atividades radiofônicas no estado do Pará é 1928.

No Amazonas, a Rádio Voz de Manaus inaugura a experiência radiofônica no estado a partir de 1927 (BARBOSA, 1996 *apud* TAVEIRA, 2004, p. 111), porém para Erasmo Linhares e Roseane Motta o rádio surgiu oficialmente no Amazonas em 1939 com a Voz da Baricéa; data que a maioria dos estudiosos, principalmente amazonenses, referencia (TAVEIRA, 2004).

Essas divergências demonstram o quanto o estudo sobre os meios de comunicação na região precisa ser aprofundado, da mesma forma que indica que muitos pesquisadores, como os já citados (e outros), estão em busca da composição dessa historiografia.

Em relação à televisão, cita-se como a mais antiga a TV Amazonas – Canal 5 (afiliada à rede Globo), em Manaus – AM, inaugurada em 01/09/1972. Vale também citar o caso da TV Rondônia – Canal 4 (Globo), em Porto Velho (RO), inaugurada em 13/09/1974; a TV Acre – Canal 4 (Globo), em Rio Branco (AC), inaugurada em 16/10/1974 e a TV Roraima – Canal 4 (Globo), em Boa Vista (RR), inaugurada em 22/12/1974. Em 21/01/1975, a Rede Globo (TV Amapá – Canal 6) também chega ao Amapá. No ano seguinte, 27/04/1976, é fundada, a TV Liberal – Canal 7 (Globo), em Belém – PA.

Semelhante ao efeito dominó, em Rondônia, Acre, Roraima e Amapá, em meses subsequentes e datas muito próximas, a Rede Globo amplia sua área de cobertura e até o ano de 1976 está presente em todos os estados da Região Norte. Note-se que à época não existia o Estado de Tocantins.

Em relação às informações sobre a história da televisão na região, de acordo com o Relatório de Gestão da Funtelpa (2007-2010), intitulado 60 anos de Televisão Aberta no Brasil, a TV Marajoara, em 30 de setembro de 1961, seguindo os passos da primeira emissora de televisão nacional (Tupi) e ocupando o canal 2, entra no ar na cidade de Belém – PA (MALCHER; LIMA; VIDAL, 2010).

De acordo com Abdul Hauache Neto (*apud* TAVEIRA, 2004, p. 112) a TV a cabo Manauara, de Manaus, entra no ar em 1965, mesmo funcionando só até 1967, por problemas de infraestrutura, também é um marco significativo para a região. A Manauara vai ser sucedida pela TV Ajuricaba, inicialmente filiada à Record e posteriormente à Rede Globo. Em 1986, foi vendida para o Grupo Simões e posteriormente ao pastor Samuel Câmara. Hoje a emissora denomina-se Rede Boas Novas e é um canal independente.

Para se ter dimensão do cenário midiático da Região Norte será apresentada a seguir a descrição dos meios de comunicação presentes em cada estado da região. É pertinente esclarecer que todas as informações tiveram como fonte o Anuário da Mídia (2011); o Mídia Dados (2006); os contatos com alguns profissionais do campo da comunicação que atuam na região e informações obtidas na internet nos sites: [guiademidia.com.br](http://guiademidia.com.br), [radio.com.br](http://radio.com.br), [netpapers.com](http://netpapers.com).

Outra consideração a fazer é que a apresentação dessa sistematização tem a intenção de oferecer dados para a compreensão do cenário midiático amazônico, bem como sua disposição nos estados nortistas, e o de contribuir, fornecendo informações, para o preenchimento de lacunas existentes sobre a trajetória dos meios de comunicação massiva na região.



De forma alguma se pretendeu fazer análises específicas sobre cada meio. A proposta foi escolher os elementos mais pertinentes aos objetivos deste texto para que fosse possível realizar reflexões sobre as realidades encontradas.

É importante destacar que nesta pesquisa, para a identificação da existência de TV nos municípios do interior, foram consideradas apenas as emissoras com repetidoras locais. Por isso, em boa parte dos municípios são contabilizadas apenas um ou dois canais de TV aberta, sendo que a estratégia adotada para




obter tais informações foi a pesquisa na internet e o contato com profissionais de algumas emissoras. É igualmente importante esclarecer que todos os dados apresentados fazem parte de exaustiva (não conclusiva) pesquisa realizada pelos autores deste capítulo.

## ACRE

Quadro 1 – Meios de comunicação – AC – Capital

Meios	Identificação	Total
	A Gazeta; A Tribuna; O Rio Branco; Página 20	4
	Acre FM 98,1; Difusora Acreana - 1400; Gazeta FM - 93,3; Alvorada AM; Gameleira FM 104,9; Interativa FM; União FM - 94,7; Aldeia FM	8
	TV Acre - Canal 04(Globo); TV Gazeta - Canal 11 (Record); TV Rio Branco - Canal 08 (SBT); TV5 - Canal 05 (Band); União - Canal 13 (Rede União de rádio e televisão); TV 40 - Canal 40 (CNT); TV Aldeia - Canal 02 (TV Cultura/TV Brasil)	7

Quadro 2 – Meios de comunicação – AC – Interior

Município	Meios/Identificação		
			
Cruzeiro do Sul	1. Tribuna do Juruá 2. Jornal Voz do Norte	1. Verdes Florestas-AM 940 2. Juará FM 100,9	1. TV Cruzeiro do Sul - Canal 5(Globo) 2. TV Integração - Canal 12 (Band) 3. TV Juruá - Canal 10 (SBT)
Brasiléia	1. O Alto Acre	1. Rádio Difusora de Brasiléia - AM	1. TV Acre - Canal 04(Globo) 2. TV Gazeta - Canal 09 (Record) 3. TV5 - Canal 05 (Band) 4. TV Rio Branco - Canal 08 (SBT)
Total	3	3	7

Em relação aos dados, tanto da capital quanto do interior, algumas considerações precisam ser feitas. O fato de existir jornal impresso na capital e em apenas dois municípios do interior (dos 22 existentes no Acre) reforça tanto a condição histórica da falta de acessibilidade do povo do interior a artefatos culturais, informativos e educativos, quanto as dificuldades enfrentadas pelas empresas para instalar-se em locais onde a demanda não atende aos interesses empresariais. Acredita-se que essa não é uma realidade apenas do Estado do Acre, mas de toda a Região Norte.

Na capital, apenas um dos jornais tem mais de 50% de distribuição própria para assinantes. O que possibilita considerar que há um público leitor, em grande quantidade, com perfil ainda indefinido, tornando grande a dificuldade por parte da produção, e maior o desafio em conquistar os leitores.

Todos os jornais mapeados são diários e já dispõem de uma base de dados digitalizados na internet. No que diz respeito à última afirmação é preciso destacar que “a expansão digital dos arquivos [...] além de favorecer a difusão de genealogias alternativas e contramemórias, deixa-nos disponíveis para pensar além do livro e da velha oposição entre leitura e imagens” (FEATHERSTONE; VEUN, 2006, p. 15, *apud* GARCÍA-CANCLINI, 2008, p. 15)

Entende-se “contramemórias” em razão da disponibilidade dos acervos na rede, impedindo, assim, qualquer desvio da informação a partir do escrito. Por outro lado, quando se fala da oposição entre leitura e

imagens, entende-se que a internet consegue dispor de uma linguagem que integra e converge o formato de outras mídias em seu ambiente digital.

Não por acaso é que a internet tem crescido tanto em relação a outros meios, pois a fugacidade da memória a partir de outras mídias é algo comum. Um exemplo disso está na afirmação de Jost (2007, p. 26) “a efemeridade da mídia televisão foi, durante muito tempo, um obstáculo à constituição de uma memória”. É sabido que até o surgimento do videoteipe nas emissoras de televisão, somente as emissões que obtinham o estatuto de obra é que recebiam tratamento para a devida conservação.

A própria facilidade de uso de alguns *softwares* para destaque de informações nos textos digitalizados contribui bastante para que a internet e o computador tenham espaço garantido em relação à “memória da informação”.

Entre as rádios, destaca-se que há uma facilidade bem maior para que haja programação local<sup>15</sup>. Sobre isso, Ortiz (1988, p. 54) considera que “em São Paulo, nas décadas de 1930, 1940 e 1950, o rádio já tinha características locais, pautando-se segundo um padrão regional”.

Essa afirmação deve-se, sobretudo, ao fato de que, no período citado, a concentração das rádios estava em São Paulo e no Rio de Janeiro, e já existia a exploração comercial dos mercados, em que os anunciantes acompanhavam as apresentações das radionovelas para poder divulgar seu produto. O que caracteriza uma exploração regional desse tipo de mídia.

No que diz respeito às TVs na capital acreana, somente a que é afiliada à Rede Globo apresenta mais de 10% da programação destinada ao local (ANUÁRIO DE MÍDIA, 2011). Já no interior a maior parte da programação é da rede nacional, veiculando também a programação “local” da capital.

Acredita-se que dois fatores são basilares para a ausência da produção local: a falta de pessoas mais qualificadas para o setor televisivo e a necessidade de investimento em infraestrutura física e financeira para exercer seu funcionamento local. Acredita-se que esse fato não seja uma realidade apenas do interior acreano, mas algo comum aos municípios do interior do Brasil.

Quanto à chegada da TV no Acre, há informações (não oficiais) de que para difundir mais rapidamente sua programação, a emissora TV Acre, teria incentivado a realização das primeiras transmissões tendo como palco a praça pública.

No que concerne a essa questão, pode-se dizer que desde o início da implantação da televisão brasileira, várias estratégias foram adotadas, no sentido de propagar o produto e estimular as vendas, como pode se ler no relato abaixo.




*De acordo com Georges Henry, pouco tempo antes da inauguração da TV Tupi, o técnico americano Walther Obermüller, responsável pela instalação dos equipamentos RCA Vitor, descobriu que não havia um único televisor em São Paulo para captar as primeiras imagens a serem transmitidas. Informado das preocupações do americano e sabedor de que nem o Presidente da República seria capaz de reduzir o prazo dos trâmites normais estabelecidos pela burocracia, para que duzentos televisores fossem importados, Assis Chateaubriand ordenou que os mesmos fossem providenciados através de contrabando (JÚNIOR, 1998 apud MATTOS, 2010, p. 86).*

Nesse sentido é pertinente afirmar que “as improvisações e o famoso jeitinho brasileiro marcaram o início de nossa televisão” (MATTOS, 2010, p. 87).




<sup>15</sup> Deve-se levar em conta os espaços obrigatórios resguardados na alínea e; Art. 38, do Código Brasileiro de Telecomunicações (1962): “as emissoras de radiodifusão, excluídas as de televisão, são obrigadas a retransmitir, diariamente, das 19 (dezenove) às 20 (vinte) horas, exceto aos sábados, domingos e feriados, o programa oficial de informações dos Poderes da República, ficando reservados 30 (trinta) minutos para divulgação de noticiário preparado pelas duas Casas do Congresso Nacional” (BRASIL, 1962).

## AMAPÁ

Quadro 3 – Meios de comunicação – AP – Capital

Meios	Identificação	Total
	Jornal do Dia; Diário do Amapá; Folha do Amapá; A Gazeta; Correio do Amapá; Aqui Amapá	6
	102 FM - 102,9; Difusora de Macapá AM - 630; Equatorial FM - 94,5; Cidade FM - 101,9; Jovem FM - 92,3; Marco Zero FM - 99,1; Forte FM - 99,9; Equatorial AM - 670 (Globo)	8
	TV Amapá - Canal 06 (Globo); TV Amazônia - Canal 13 (SBT); TV Gazeta Marco Zero - Canal 10 (Record); TV Jari - Canal 07 (SBT); TV Tucuju - Canal 24 (Rede TV!); Esporte Interativo Macapá - Canal 19 (TV Esporte Interativo); TV Cidade - Canal 02 (CNT); TV Macapá - Canal 04 (Band); Record News Macapá - Canal 08 (Record News)	9

Quadro 4 – Meios de comunicação – AP – Interior

Município	Meios/Identificação		
			
Ferreira Gomes	-	FM Piudara	TV Ferreira Gomes - Canal 5 (SBT) TV Eldorado - Canal 11 (Record)
Laranjal do Jari	-	Laranjal FM Marco Zero FM	TV Jari - Canal 7 (SBT) TV Laranjal do Jari - Canal 28 (Globo)
Oiapoque	-	Oiapoque FM Beija Flor FM	TV Oiapoque - Canal 6 (Globo)
Santana	-	Antena Um FM Beija Flor FM Pan FM Tarumã FM	TV Santana - Canal 42 (Gazeta)
Serra do Navio	-	Manganês FM	TV Serra do Navio - Canal 7 (SBT)
Total	0	10	7

No Amapá, do total de jornais produzidos diariamente (tiragem média de 10.500), cerca de 30% são para assinantes. Conforme sustenta Benette (2002), o jornal impresso é resultado da combinação das linguagens verbal e visual, o que só se torna possível antes da distribuição e após a comercialização publicitária. Essas linguagens tornam-se “feixes sustentadores” do jornal como empreendimento econômico que é.

Sabe-se que o leitor do jornal, muitas vezes, é convidado a uma leitura rasa em razão da própria natureza do produto. O poder de atração, na maioria das vezes, se dá em razão do *design*. Esta afirmação se baseia no fato de 70% de um jornal, que é o caso do Jornal do Dia<sup>16</sup>, ser destinado à distribuição nas bancas, para acesso a quem se interessar pelas notícias, o que traz aos produtores o desafio de aproximar e despertar cada vez mais a atenção do leitor nas bancas.

É bom lembrar que “a comunicação mistura, de maneira indissociável, valores e interesses, ideais e ideologias” (WOLTON, 1999, p. 5). Na indissociabilidade desses fatores é que está a razão de ser dos meios de comunicação, é o que condiciona e dinamiza a posição e atuação das grandes empresas da área.

16 Primeiro Jornal diário do Amapá e um dos que apresenta maior circulação.



O mesmo autor afirma ainda que a comunicação deve ser percebida como um processo inseparável da técnica, da economia e da política, e, por isso, deve-se desenvolver conhecimentos, produzir teorias que venham contribuir para o entendimento dos múltiplos desafios ligados à revolução da informação e da comunicação (WOLTON, 1999).

No Estado do Amapá, em relação ao jornal impresso, algumas hipóteses podem ser levantadas. Uma delas é a questão da estrutura necessária para a efetivação de trabalhos para a circulação do jornal. Tanto que em sua primeira fase (que durou cerca de oito meses), o Jornal do Dia, (fundado em fevereiro de 1987) era impresso em Belém (PA), o que ocorreu até o dia 09/09/1987.

Atualmente, o Jornal do Dia circula de segunda a segunda nos seguintes municípios: Macapá (capital), Santana, Laranjal do Jarí, Oiapoque, Tartarugalzinho, Porto Grande e Calçoene. Fora do Estado ele está em Belém, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, onde conta com escritórios de representação. De acordo com o *site* do próprio Jornal, mesmo após instalado em sede própria, faltava algo fundamental, como descrito:

*Mas ainda faltava resolver um problema fundamental, o de imprimir o jornal em Macapá. Na época, não havia gráficas na cidade, assim o mesmo deveria ser impresso em Belém. Como não havia vôos diários entre as duas capitais, a solução foi utilizar o táxi aéreo. E foi assim que a primeira edição do Jornal do Dia chegou a Macapá. A data escolhida por Júlio foi o aniversário da cidade, para que ninguém mais esquecesse: 04 de fevereiro. No primeiro editorial publicado, a expressão “É uma loucura” teve destaque. Tanto que muitas pessoas incrédulas ainda comentavam sobre o lançamento do novo empreendimento da equipe da Gazeta Trabalhista. Tudo caminhava para o sucesso. Dias após o lançamento, a Varig lançou vôos diários entre Macapá e Belém, diminuindo as despesas de transporte. Mesmo assim, a maratona para colocar o jornal nas ruas era árdua. De segunda à sexta-feira, o material para ser rodado em Belém tinha de ser entregue às cinco horas da madrugada no Aeroporto de Macapá. O jornal, já pronto, retornava às onze horas da noite e era deixado cedo nas bancas. José Arcangelo chegou a parar um avião na pista de decolagem para entregar o material que seria rodado. A correria era tão grande que, certo dia, o material do jornal foi parar em Manaus, sendo que por isso não existe o terceiro número do Jornal do Dia, ocasião que foi aproveitada para rodar a última edição da Gazeta Trabalhista. Sabendo da importância da publicidade em um jornal diário e mesmo na época não existindo um espírito empreendedor por parte de alguns empresários, Júlio Pereira começou a fazer publicidade dos negócios dos amigos no Jornal do Dia. Isso servia para mostrar o quanto era bom para o alavancamento das vendas. A equipe do Jornal do Dia conseguiu manter a dura empreitada por oito meses. No dia 09 de setembro de 1987 terminava a primeira fase do jornal. Uma das razões para o encerramento dos trabalhos foram as desavenças com a gráfica de Belém. (<http://www.jdia.com.br/pagina.php?pg=historico><sup>17</sup>) [Grifo nosso].*

Acredita-se que a situação relatada acima demonstra as dificuldades históricas de uma empresa, não somente de mídia impressa, mas, de qualquer meio de comunicação massiva na Amazônia, principalmente há algumas décadas. Em complemento a essa afirmação buscou-se uma das frases do pronunciamento<sup>18</sup> do senador Randolfe Rodrigues (PSOL-AP), no Senado Federal, que diz:

17 Acesso em 13/09/2011.

18 Sessão nº 141 – Deliberativa Ordinária – Senado Federal em 01/09/2011 às 14h. Pauta: Homenagem aos 39 anos da Rede Amazônica de Rádio e Televisão (RART). Disponível em <<http://www.senado.gov.br/atividade/plenario/sessao/disc/listaDisc.asp?s=141.1.54.O>>. Acesso em 02/09/2011.

*Nós, da região amazônica, sabemos a dificuldade que é levar para as comunidades mais distantes da Amazônia a televisão, as comunicações e a infraestrutura. Se hoje, na primeira década do século XXI, os desafios para atender essas necessidades são gigantescas, imaginem há 39 anos atrás (Randolfe Rodrigues, Discurso no Senado Federal, 01/09/2011).*

Sobre a história da televisão no Amapá, mais uma vez cita-se parte do discurso do senador amapaense, que esteve em contato com o grande responsável (Phellipe Daou) pela fundação da primeira televisão no Estado.

*A TV Amapá surge em 1973 a partir de um jantar na residência do Governador José Lisboa Freire, que governou o então Território Federal do Amapá entre outubro de 1972 a 1º de abril de 1974. Naquela época, o jornalista Antônio Corrêa Neto, que havia chegado ao Amapá em 1970, editava o jornal semanal Novo Amapá, impresso pelo Governo do então Território Federal do Amapá. Naquele ano, o jornal havia realizado uma enquête. Dr. Phelippe me confienciava que essa enquête havia sido feita no interior do Amazonas, cuja pergunta básica era: “**O que falta no Amapá para você viver melhor? A resposta, quase unânime: televisão.** Lembremos que estávamos há poucos anos da primeira transmissão Copa do Mundo pela televisão, a de 1970, quando nós conquistamos o tricampeonato. A partir dessa iniciativa, o Governador do então Território Federal, em contato com o Dr. Phelippe Daou, procurou ver o que era necessário para instalar no Amapá a Rede Amazônica de Televisão. (Randolfe Rodrigues, Discurso no Senado Federal, 01/09/2011) [Grifo nosso].*

Inicialmente a TV Amapá fez parte da Rede de Emissoras Independentes (REI), encabeçada pela TV Record de São Paulo. Depois, passou a ser uma afiliada da Rede Globo. Hoje, a partir da RART, é a única que tem cobertura em todo o estado.




Destaca-se o fato de que no início, em caráter experimental, a TV Amapá utilizou a estrutura da Rádio Difusora. Tal informação corrobora a afirmação de que “o rádio preparou o terreno para a televisão ao desenvolver um sistema rápido de comunicação de massa, nacional e internacional” (CASHMORE, 1998, p. 23).

As dificuldades iniciais da chegada da televisão no Amapá também são relatadas no discurso do senador:




*Em 1974, tivemos a transmissão, com todas as dificuldades da época, da primeira Copa do Mundo de Futebol. A Copa do Mundo da Alemanha, em 1974, chegava até o Amapá. Só tínhamos tido notícias da vitória da seleção brasileira em 1970 no tricampeonato através do rádio. Em 1974, chegaram as imagens da primeira Copa do Mundo de futebol, transmitida no Amapá, com todas as dificuldades que existiam, como transporte da parafernália de equipamentos que tinham que sair de Belém, com as fitas de vídeo dos jogos da Copa do Mundo, e chegar até Macapá (Randolfe Rodrigues, Discurso no Senado Federal, 01/09/2011).*

Dadas tais condições é pertinente considerar que os primeiros passos da televisão no Amapá estão relacionados a uma interligação de fatores. Além das dificuldades estruturais, há também as barreiras de ordem da natureza, uma vez que a grandeza da região amazônica, e suas características naturais, geralmente consolidam obstáculos à constituição de infraestrutura, divulgação de informações e acesso à comunicação de maneira geral.

**AMAZONAS***Quadro 5 – Meios de comunicação – AM – Capital*

Meios	Identificação	Total
	A Crítica; Amazonas em Tempo; Dez minutos; Diário do Amazonas; Jornal do Comércio; Jornal Maskate	6
	A crítica FM – 93,1; Amazonas FM – m 101,5; Cidade Tropical FM – 99,3; Difusora AM – 1180; Difusora FM – 96,9; Globo AM – 1440; Jovem PAN FM – 104,1; Mix Manaus – 100,7; Rio Mar – 1290 FM; Transamérica Hits – 95,1	10
	A Crítica – Canal 04 (Record); Amazon Sat; Amazonas – Canal 05 (Globo); Band Amazonas – Canal 13 (Bandeirantes); Rede Boas Novas – Canal 08 (Independente); Rede TV! Manaus – Canal 18 (Rede TV!); TV Cultura – Canal 02 (TV Brasil); TV em Tempo – Canal 10 (SBT); TV Amazônia – Canal 20 (CNT)	9

*Quadro 6 – Meios de comunicação – AM – Interior*

Município	Meios/Identificação		
			
Eirunepé	-	Nacional FM	TV Eirunepé – Canal 6 (Globo)
Humaitá	O Curumim <sup>19</sup>	Vale do Rio Madeira FM	TV a Crítica – Canal 12 (Record)
Itacoatiara	-	Difusora AM – 720 Difusora FM – 94,5	Itacoatiara – Canal 11 (Globo)
Parintins	Novo Horizonte Jornal da Ilha <sup>20</sup>	Alvorada AM – 1380 Alvorada FM – 100,1 Rádio Clube de Parintins – AM 1460 Rádio Clube em Tempo FM Tiradentes FM Novo Tempo FM	TV A Crítica Parintins – Canal 12 (Record) TV Alvorada – Canal 04 (Rede Vida) TV Parintins – Canal 07 (Globo) TV Em Tempo Parintins – canal 22 (SBT)
São Gabriel da Cachoeira	-	Rádio Municipal FM	TV Seis Lagos – Canal 10 (SBT)
Tefé	-	Educação Rural de Tefé - 1270 Alternativa FM 101 FM Tefé	TV Band Tefé – Canal 4 (Band)
Total	2	14	9

No Amazonas, percebe-se uma grande quantidade de veículos de comunicação registrados nos sistemas de informação. Destaca-se o fato de haver jornal impresso (mesmo que de circulação semanal) em uma cidade do interior, o que não é comum para a realidade da Região Norte.

A quantidade superior de emissoras de rádio (e com produção local) em comparação com a de televisão é uma realidade incontestável no Amazonas. Isso reforça a afirmação de Fadul (1976), que enfatiza que desde a década de 1970, o rádio tem dimensão regional.

Para a autora, considerando o contexto vivenciado, o rádio representava o veículo de comunicação mais difundido no Brasil, como também passou a ser considerado uma das principais formas de comunicação regional, pois ele oferecia à população possibilidades comunicacionais antes não conhecidas.

<sup>19</sup> Jornal Mensal  
<sup>20</sup> Jornal Semanal

O rádio, na medida em que tem um potencial de alcance maior (exemplo é a captura de sinal de ondas sonoras na zona rural) apresenta mais proximidade com a população e está mais diretamente ligado ao contexto local de um município ou região. No caso da Amazônia, ele é um veículo fundamental para a comunicação entre os moradores afastados entre si pelas distâncias.

Para se ter uma ideia da questão aqui discutida, nas localidades em que não há sinal de emissora são instalados, nos postes ou hastes, os equipamentos conhecidos como “bocas de ferro<sup>21</sup>” e a partir desse sistema são divulgadas informações para o povo, desde as que anunciam situações de violência, morte nas proximidades até o anúncio da chegada de barcos e/ou balsas vendendo produtos, alimentos que naquele local não são encontrados facilmente, gás de cozinha e outros produtos básicos.

A afirmação defendida por Fadul sobre a regionalização do rádio feita na década de 70 é realmente pertinente, especialmente, respeitando-se o contexto vivido. Contudo, é preciso reconhecer, que no momento atual, a TV conquistou espaços antes ocupados pelo o rádio. O depoimento da moradora da comunidade São Pedro, NFS (28 anos), retrata de maneira clara essa questão: “Para mim é preferível ver TV do que rádio, porque na TV é muito mais fácil de entender as coisas. As coisas estão lá, é só olhar. No rádio a gente apenas escuta e fica só imaginando. Na TV não. A gente vê e consegue entender logo o que está passando”.

Sobre a historicidade da televisão no Amazonas, Manaus dispõe da mais antiga emissora de TV da Região Norte, que é a TV Amazonas (Globo), inaugurada em 1972. Agra e Berno (2000) discorrem sobre acontecimentos antes do registro desse evento.

*Quanto ao aparecimento da televisão na Amazônia, Hauache Neto (1999) diz que mesmo antes de 1970, ao se dar a investida do governo federal sobre a Amazônia brasileira, já havia a articulação da mesma. De acordo com Hauache, enquanto as emissoras se organizavam no Sudeste do país, já teria havido a criação da primeira emissora de televisão da Amazônia, a TV Manauara, surgida em 1965, como hobby da Família Hauache, sendo, segundo esse autor, uma das primeiras TVs a cabo do Brasil. Hauache Neto (1999) explica que foram instalados cabos nos postes de eletricidade nas principais ruas e avenidas do centro da cidade, e que a experiência não teve continuidade devido a vários problemas técnicos. Mesmo com tais problemas, Hauache afirma: “foi ao ar a primeira imagem de televisão em Manaus via cabo físico, instalado, acompanhando a rede de eletricidade. Isso foi em 1965” (AGRA; BERNO, 2000, p. 4).*

Mesmo antes de tal investida,

*segundo Hauache Neto, em Manaus, era possível pegar algumas transmissões dos canais de países limítrofes da Região Norte. Diz ele: “As pessoas pegavam de vez em quando uma quantidade de imagem muito ruim. Se pegava muito chiado, muito chuvisco como o canal 2 de Caracas, da Venezuela” (idem).*




Semelhante ao ocorrido no Acre, “Hauache Neto lembra ainda que no interior, quando eles iniciaram, eram colocados aparelhos de televisão nas praças públicas. Na programação havia programas jornalísticos e artísticos locais” (TAVEIRA, 2003, p. 16).

Consideradas as informações apresentadas é possível afirmar que dificuldades e fatos semelhantes estiveram presentes na implantação do sistema televisivo nos três estados apresentados.




<sup>21</sup> Boca de ferro ou “rádio de poste” são sistemas de comunicação em que caixas de som são afixadas em hastes ou postes em um determinado local ou são espalhadas em locais estratégicos. Foi através de um sistema como este, que segundo, o professor WP, que atua como professor na Vila do Rio Vieira (pertencente ao município de Breves, mas geograficamente mais próximo às cidades de Santana e Macapá, ambas no Estado do Amapá), ele soube, duas horas após a ocorrência, da morte de uma importante vereadora do município de Breves, em junho de 2011.

**PARÁ**

*Quadro 7 – Meios de comunicação – PA – Capital*


Meios	Identificação	Total
	Diário do Pará; Jornal Amazônia; O Liberal	3
	98 FM – 98,5; 99 FM – 99,9; Clube do Pará – 690; Cultura – 93,7; Diário FM – 92,9; Jovem Pan – 102,3; Liberal AM – 1330; Liberal FM – 97,5; Marajoara AM – 1130; Marajoara FM – 100,9; Nazaré FM – 91,3	11
	Liberal – Canal 7 (Globo); RBA – Canal 13 (Bandeirantes); Record News – Canal 22 (Record); SBT Belém -- Canal 5 (SBT); TV Cultura – Canal 2; Record Belém – Canal 10 (Record); Tv Rauland – Canal 14 (Rede Gazeta); TV Nazaré – Canal 33	8

*Quadro 8 – Meios de comunicação em algumas cidades do interior (até 200km de distância de Belém)*

Município	Meios/Identificação		
			
Ananindeua	Jornal Regional Paraense <sup>3</sup>	Rádio 98 FM	-
Abaetetuba	O cidadão <sup>4</sup>	Comunitária Maranata Metropolitana FM Conceição FM Guarany FM	TV Açaí (Band) TV Abaetetuba (SBT) TV Conceição (TV Nazaré) TV Record Abaetetuba - Canal 6 (Record)
Cametá	-	Rádio Tocantins	TV Tocantina (Band) TV Nazaré Cametá (TV Nazaré)
Bragança	Correio Bragantino (online)	Pérola FM 92,1 Rádio Educadora de Bragança	RTP Bragança – Canal 4 (SBT) TV Mania – Canal 22 (Record)
Castanhal	CICS <sup>5</sup> - Jornal Expresso (online)	Liberal FM – 94,1 Atlântico FM 105,1 Apeú FM 105,9	RTP TV Castanhal – Canal 3 (SBT) Liberal Castanhal – Canal 11 (Globo) TV Marajoara – Canal 46 (Record)
Total	4	11	11

Para a elaboração do quadro seguinte, que trata sobre os municípios do interior, mais distantes da capital e com menor número de habitantes, optou-se por incluir somente aqueles em que se detectou serviço de TV local com, pelo menos, três repetidoras. Em vista do elevado número de municípios no Pará, seria demasiadamente extenso mencionar todos os municípios com serviço de duas ou menos TVs locais.

Quadro 9 – Meios de comunicação no interior do estado do Pará

Município			
Altamira	-	Vale do Xingu FM 93,1 Cidade FM 104,9 Transamazônica FM Rádio Rural	TV Liberal Altamira -canal 13 (Globo) Vale do Xingú – Canal 10 (SBT) TV Altamira – Canal 6 (TV Cultura)
Breves	-	Rádio Breves-FM Rádio Popular FM Rádio Santana Rádio Cidade FM	TV Breves (SBT) – canal 8 TV Record (Record Breves)- canal 6 RBA Breves (RBA/Band)-canal 12 TV Nazaré Breves – Canal 33
Itaituba	-	Alternativa 104 FM Liberal FM Comunitária FM Itaituba AM Rádio Clube	Itaituba - Canal 2 (Record) Tapajoara - Canal 7 (SBT) TV Cidade Dourada – Canal 4 (Rede TV!) TV Eldorado – Canal 6 (Band) TV Liberal Itaituba – Canal 13 (Globo)
Marabá	Correio do Tocantins  Opinião	Clube Marabá – AM 770 FM 91 - 90,9 Itacaiunas AM – 850 Liberal FM - 93,9	TV Eldorado – Canal 7 (SBT) TV Liberal Marabá – Canal 5 (Globo) TV Fox Marabá – Canal 50 (Record) TV Tocantins – Canal 10 (Band) TV Marabá – Canal 13 (Boas Novas)
Parauapebas	Carajás Jornal  Correio do Pará	87,9 FM Ararara Azul 96,9 FM Liberdade FM	SBT Parauapebas – Canal 5 (SBT) Liberal Parauapebas – Canal 12 – Globo TV Norte Carajás – Canal 2 (Record)
Paragominas	-	Cidade FM 93,3 Jarana FM 101,1 Rádio Clube Difusora FM	Liberal Paragominas – Canal 8 (Globo) Ouro Verde – Canal 13 (SBT) TV Paragominas – Canal 10 Rede TV!Paragominas – Canal 12 (Rede TV!)
Redenção	A notícia Folha de Carajás	Você FM 92,1	1. TV Cidade – Canal 7 (SBT) 2. Liberal Redenção – Canal 9 (Globo) 3. TV Carajás – Canal 3 (Record)
Santarém	Gazeta de Santarém O Estado do Tapajós O Impacto Jornal de Santarém	Guarany FM – 100,3 Ponta Negra – 890 Rural de Santarém – 710 Tapajós FM – 94,1 Tropical AM – 650	TV Ponta Negra – Canal 5 (SBT) TV Santarém – Canal 12 (Band) TV Tapajós – Canal 4 (Globo) TV Guarany – Canal 15 (Record) TV Amazônia – Canal 7 (Rede TV!)
Tucuruí	-	Floresta AM – 1500 Floresta FM – 104,7	TV Floresta – Canal 12 (SBT) TV Tucuruí – Canal 6 (Band, SBT) TV Tocantins - Canal 2 (Record)
Total	10	31	36

Considerando a tiragem média dos jornais<sup>22</sup>, o jornal impresso na capital alcança, aproximadamente, diariamente (exceto aos domingos) de 85.000 a 90.000 leitores (aos domingos, somente na capital, projeta-se 165.000 leitores). Estes mesmos jornais também chegam a alguns municípios do interior<sup>23</sup> e estão bastantes presentes na região metropolitana de Belém, o que permite um dado potencial de leitores, durante os dias da semana, de pouco mais de 100.000.

22 Diário do Pará – TM: 30.000 e aos domingos 45.000; Jornal Amazônia – TM: 13.000 e aos domingos 21.000; O liberal – TM: 44.000 e aos domingos: 100.000 (ANUÁRIO DA MÍDIA, 2011).

23 Um exemplo a ser citado é o caso do Jornal O Liberal. De acordo com consulta feita no site [http://www.orm.com.br/projetos/comercial/oliberal\\_abrangencia.html](http://www.orm.com.br/projetos/comercial/oliberal_abrangencia.html), ao todo a abrangência desse Jornal é de 66 municípios do interior paraense e seis capitais no Brasil inteiro, incluindo Belém. Em relação ao arquipélago marajoara Breves e Soure são os únicos municípios entre todos os dezesseis do Marajó a receber o jornal. É comum que esses jornais cheguem aos municípios perto das 12 horas, dependendo do horário que os barcos chegam da capital. O custo também é mais elevado. Enquanto na capital, um jornal impresso custa R\$ 1,50, em Breves ele vai custar R\$ 3,00.

Em relação à região metropolitana de Belém, levanta-se a hipótese que em razão de os jornais impressos da capital, frequentemente, tratarem das problemáticas e temáticas inerentes aos seus municípios, não há motivações tão evidentes para uma iniciativa de pessoas e/ou empresas no sentido de instalar um novo jornal na região.

Destaca-se, então, a internet como elemento fundamental para a tentativa de aproximação com o público local, pois a rede se configura como uma (se não a maior) fonte de informação entre todos os meios, e a facilidade de seu uso (desde a busca de informação à criação de um blog, por exemplo) é uma alternativa que tem sido bastante explorada nos municípios do interior, pois muitas vezes é a única opção para obtenção de informações mais específicas sobre o local.

A título de exemplo, é pertinente fazer uma comparação com a TV. Para se instalar em determinado local qualquer emissora/repetidora deverá reunir condições básicas de infraestrutura, de investimento e de pessoal com um mínimo de conhecimento para operar e manter a TV no ar. Essas exigências são semelhantes, embora em menor proporção, para uma emissora de rádio.

Já no caso da internet, o funcionamento e utilização parece ser mais simples. A princípio, seria necessário apenas um computador com acesso à internet, criatividade e capacidade de organização para dispor conteúdos na rede. O blog é o exemplo mais pertinente dessa afirmação.




Em Marabá, Parauapebas e Redenção, os jornais consultados (na maioria, as consultas foram *online*) mostraram que eles não tratam apenas da especificidade local. Geralmente há espaços para temas de ordem nacional e regional, além das notícias locais.

Em relação ao cenário midiático paraense pode-se dizer que, principalmente, nas pequenas cidades o rádio é um meio indispensável. Vale considerar algo particular em relação a essas cidades: é muito comum que, inicialmente, pessoas vinculadas a alguma igreja, tornem-se profissionais da rádio, uma vez que é difícil encontrar pessoas habilitadas em cursos de comunicação, jornalismo, ou outros que lhe sejam afins, para exercerem tal função.




A “profissionalização” provisionada desse tipo de mão-de-obra pode estar relacionada ao fato de que as pessoas assíduas a missas e cultos estão habituadas a participarem com leituras, comentários cantos nos rituais e desenvolvem facilidade e fluência para falar em público. Outra situação importante a se considerar é que em relação aos municípios do interior, as mesorregiões do Baixo Amazonas e Sudeste Paraense apresentam-se com muito mais condições de terem um cenário midiático mais expressivo, quantitativamente, já que possuem o maior número de rádios e repetidoras de TV em relação às outras mesorregiões.

## RONDÔNIA

Quadro 10 – Meios de comunicação – RO – Capital

Meios	Identificação	Total
	Diário da Amazônia; O Estadão do Norte; O Guaporé; Alto Madeira; Imprensa Popular; O Combatente	6
	Boas Novas AM – 660; Rádio Caiari AM – 1430; FM 95; Parecis FM - 98,1; Rondônia – 93,3; Transamerica Hits; Rádio 95 FM; Rádio Rondônia; Rádio Rio Madeira FM 105,9	9
	TV Allamanda – Canal 13 (SBT); TV Candelária – Canal 11 (Record); Meridional – Canal 9 TV (Bandeirantes); TV Rondônia - Canal 4 (Globo); TV Madeira – Mamoré – Canal 2 (TV Brasil/Cultura); TV Record News Porto Velho – Canal 58 – (RN); Rede TV! Rondônia – Canal 17 (Rede TV!)	7

Quadro 11 – Meios de comunicação – RO – Interior

Município	Meios/Identificação		
			
Ariquemes	O Vale do Jamari	Verde Amazônia FM 87,9 Cidade FM 92,3	Ariquemes - Canal 07 (Globo)
Cacoal	A Gazeta de Rondônia Tribuna Popular	Nova Clube Cidade FM – 90,3 Rondônia AM – 1470	TV Allamanda – Canal 13 (SBT) TV Cacoal – Canal 5 (Globo) TV Candelária – Canal 04 (Record) TV Cidade (Record) Record News – Canal 04 (RN) KTV - Canal 15 (Rede TV!) TV Meridional – Canal 9 (Band)
Guarajá Mirim	-	Educadora AM 1260 Guajará FM 93,7 Rondônia FM 89,9	TV Guarajá Mirim – Canal 03 (Globo) TV Candelária – Canal 08 (Record)
Jaru	-	Interativa FM 105,9	TV Cidade – Canal 13 (SBT) TV Candelário – Canal 07 (Record)
Ji-Paraná	Correio Popular de Rondônia Folha de Rondônia	Alvorada Am – 900 Clube Cidade – 93,7	TV Meridional Ji – Paraná – Canal 11 (Band) TV Ji-Paraná – Canal 05 (Globo)
Presidente Médici	-	Tropical FM- 92,7	TV Regional – Canal 8 (Band)
Rolim de Moura	-	Rondônia FM 93,1 Liberdade FM 94,5 Rolim de Moura FM 104,9 Rádio Clube	TV Rolim de Moura – Canal 10 (Globo)
Vilhena	Folha de Vilhena Folha de Sul Correio de Notícias	Meridional FM – 91,3 Planalto – 1530 Vilhena AM – 1450 Onda Sul FM 94,9	TV Vilhena – Canal 5 (Globo)
Total	8	19	17

Diante do cenário midiático de Rondônia vale considerar que a grande quantidade de jornais impressos, bem como de repetidoras de TV e de emissoras de rádio contribuem para a disposição de um cenário diferenciado dos outros estados. No interior, chama atenção a quantidade de retransmissoras de TVs, já que as dificuldades em relação ao trabalho com este meio de comunicação são grandes, como já comentadas.

Sobre a mídia impressa, é pertinente lembrar o caso do jornal diário “Alto Madeira”, que é o mais antigo da Região Norte em atividade. No ano de 2011, completou 94 anos de existência. O dia 15/01/2010 foi um marco significativo na história deste jornal, pois foi o dia em que o seu conteúdo também passou a ser disponibilizado em formato digital.

Nesse estado, 77,4% das pessoas têm acesso ao rádio em casa, enquanto que 90,7% tem TV domiciliar, o que corresponde a uma realidade nacional. No estado de Rondônia, é bom lembrar, está a segunda TV mais antiga da Região Norte, considerando as que estão em atividade, que é a TV Rondônia.

Vale enfatizar também os dados sobre telefonia: 79,1% da população tem acesso ao serviço telefônico, sendo que 54,7% usufruem somente de telefonia móvel. Na Região Norte apenas Rondônia ultrapassa a marca de mais de um celular<sup>24</sup> por habitante, ficando com 1,01; contudo isto não significa que esta distribuição é equitativa.

24 Ao longo dos últimos anos, fusões e aquisições modificaram o cenário da telefonia celular no Brasil resultando em quatro grandes operadoras: Claro, Oi, Tim e Vivo. De acordo com a Teleco (2006) elas detêm cerca de 90% do mercado.






Sobre a história da TV em Rondônia, é pertinente considerar que: “até a década de 1980, a pequena emissora dependia da repetição de *tapes*, que vinha de Manaus, geralmente com uma ou duas semanas de atraso. Entre as primeiras transmissões ao vivo, cabe citar a Copa do Mundo no ano de 1978”<sup>25</sup>.




Durante alguns anos a TV Rondônia operou sem concorrência, uma vez que somente após a metade da década de 1980, outras emissoras de TV se fixaram no estado, a TV Meridional (Bandeirantes) e a TV Allamanda (SBT).

## RORAIMA

Quadro 12 – Meios de comunicação – RR – Capital

Meios	Identificação	Total
	Folha de Boa Vista; Roraima Hoje	2
	FM Equatorial – 93,3; Transamérica – 95,7; Tropical FM – 94,1; Roraima AM; 93 FM; Folha AM; FM – 94,9; FM Monte Roraima – 107,9	9
	Tv Roraima – Canal 4 (Globo); Tv Tropical – Canal 10 (SBT); Tv Ativa – Canal 20 (Gazeta); TV Boa Vista – Canal 12 (Rede TV!); Tv Imperial – Canal 06 (Record); Tv Caburái – Canal 08 (Band); TV Cidade – Canal 28 (Rede Brasil)	7

Quadro 13 – Meios de comunicação – RR – Interior

Município	Meios/Identificação		
			
Bonfim	-	Bonfim FM 104,9	TV Itacutu - Canal 3 (Record) TV Bonfim - Canal 11 (Globo)
Rorainópolis	-	Alto Astral FM 91,9 Anauá FM 87,9	TV Rorainópolis – Canal 4 (Globo)
Pacaraima	-	-	TV Pacaraima – Canal 4 (Globo)
Total	0	3	4

O cenário midiático de Roraima apresenta significativa escassez de meios de comunicação massiva, considerando os outros estados da região. Algo que se destaca é a concentração dos meios na capital do estado, bem como o controle deles por políticos. Tal fato corrobora a seguinte afirmação:

*Nenhum meio de comunicação em Roraima tem isenção política. Na maioria das vezes, alguns grupos montam determinado meio apenas para dar sustentação política a um grupo ou a uma personalidade em destaque com pretensão a cargos políticos (COSTA, 1997 apud LIMA, 2001a, p. 27).*

Um dado interessante a considerar é o de que no ano de 2010, de acordo com Levantamento da Coordenadoria Geral de Estudos Econômicos e Sociais da Secretaria Estadual de Planejamento (SEPLAN-RO) por meio de dados da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), a telefonia móvel em Roraima contava com 385.042 linhas telefônicas, o que representava aproximadamente 0,85 celular para cada habitante em Roraima. A predominância das linhas pré-pagas é fato consolidado no estado, pois elas representavam 89,4% do total de acessos disponíveis, contando com 344.089 linhas.

<sup>25</sup> Informação disponível no site telehistoria.com.br. Acesso em 13/10/2011.




Em relação ao forte crescimento do número de aparelhos celulares vale lembrar que, segundo Wolton (2006, p. 13), “mais ainda que o computador ou a Internet é o telefone celular que melhor simboliza esta revolução da comunicação em que o outro está presente”.

No que se refere à televisão, um dos fatos marcantes em Roraima, que exemplifica a questão política referida anteriormente, é o ocorrido com a TV Macuxi, que foi instalada em Boa Vista, em março de 1990 e era afiliada à TV Cultura. Foi a segunda emissora a entrar no ar em Roraima (a primeira foi a TV Roraima). Da inauguração até 1995 (quando foi extinta), a emissora pertenceu à Prefeitura de Boa Vista.




Nas eleições de 1994, a Justiça do Estado de Roraima proibiu, por 30 dias, a emissora de exibir sua programação. O motivo foi o possível favorecimento a um dos grupos políticos que estavam disputando as eleições. Com o Projeto de Lei Municipal (Lei 395/95) sua concessão foi transferida para a Universidade Federal de Roraima, assumindo a denominação TV Universitária, em Boa Vista. A falta de programação local e as dificuldades de infraestrutura também são características marcantes da TV no estado de Roraima.

## TOCANTINS

Quadro 14 – Meios de comunicação – TO – Capital

Meios	Identificação	Total
	Jornal do Tocantins; Primeira Página; Jornal Ecos do Tocantins; O Jornal; Jornal Stylo	5
	96 FM - 96,1; Jovem Palmas – 104,7; Tocantins FM – 98,1 FM; Horizonte FM 96,5; Jovem Palmas FM – 104,7	5
	TV Anhanguera – Canal 11 (Globo); TV Palmas – Canal 13 (TV Brasil); TV Jovem Palmas – Canal 7 (Record); TV Bandeirantes Tocantins – Canal 4 (Band); TV Capital – Canal 9 (SBT); Rede TV! Tocantins – Canal 53 (Rede TV!)	6

Quadro 15 – Meios de comunicação – TO – Interior

Município	Meios/Identificação		
			
Araguaína	O Norte Jornal	Anhanguera AM – 870 Araguaína FM – 99,7 Tocantins FM –,7	TV Anhanguera Araguaína – Canal 11 (Globo) TV Araguaína – Canal 7 (SBT) TV Jovem Araguaína – Canal 2 (Record) TV Líder – Canal 20 (Rede TV!) TV Girassol – Canal 6 (Band)
Augustinópolis	A Voz do Bico	Comunitária Nova FM Rádio VB FM Nativa FM	TV Novo Tempo – Canal 42 (Adventista)
Colinas do Tocantins	-	Boas Novas FM 87,9 Líder FM 96,1	TV Colinas – Canal 5 (SBT)
Gurupi	A notícia Cocktail	Araguaia FM – 96,7 Tocantins FM – 97,9 Rádio Cidade FM	TV Rio Formoso – Canal 11 (Globo) TV Gurupi – Canal 8 (SBT) TV Jovem Gurupi – Canal 6 (Record) TV Girassol – Canal 3 (Band) Sil TV - Canal 19 (Rede TV!)
Miracema	-	Miracema FM 104,9 Cultura AM 1480	TV Miracema – Canal 6 (SBT)
Porto Nacional	-	Araguaia FM – 101,9 Tocantins AM – 580	TV Paraíso – Canal 2 (SBT)
Total	4	15	15

Em Tocantins, 86,9% da população tem pelo menos um aparelho de TV em casa, enquanto 67,2% possuem rádio, que é o segundo meio de comunicação massiva mais presente nos lares tocantinenses. Destaca-se a expressiva participação dos municípios do interior do estado para a definição do cenário midiático.

Essa extensão para além dos centros urbanos representa um forte contraponto à ideia inicial sobre a televisão, como já mencionado no primeiro capítulo, a crença de que somente os grupos de alto rendimento pudessem ser atraídos por ela (BRIGGS; BURKE, 2006). Contudo, essa concepção sobre o uso da televisão não é de todo sem fundamento, já que houve, falando-se aqui de Brasil, momentos oportunos para pensar de tal maneira, pois

*Nos dois primeiros anos, a televisão não passou de um brinquedo de luxo das elites do país, do mesmo modo como o videocassete foi considerado no final da década de 1980 e o computador, que na década de 1990 passou a ser o aparelho mais desejado das famílias (MATTOS, 2010, p. 89).*

Em relação à mídia impressa destaca-se “O Jornal do Tocantins” com a maior tiragem do estado (TM 11.500) e em circulação há mais de trinta anos. De todos os jornais impressos da Região Norte, este é o que, em termos proporcionais, tem o maior número de assinantes, pois 78% da distribuição total do jornal é dirigida a esse público.

Outro destaque interessante é que estado de Tocantins sedia uma das primeiras TVs por Internet da Região Norte, a TVTC. Esse fato remete a uma questão de ponta na discussão sobre a mídia massiva: a multiplicidade de formatos:

*diante do crescimento da variedade de opções na radiodifusão, somado ao processo de digitalização e impulsionado por ele, foi gerada uma pluralização de formatos de TV... observando-se esse movimento de multiplicidade de opções, é que foi forjado o termo PluriTV, que sintetiza a ideia da pluralidade de formas na cadeia de valores de televisão, considerando a digitalização (BRITOS; SIMÕES, 2011, p. 63-64).*

A PluriTV, que não se reduz unicamente a convergência de conteúdos ou a transposição de conteúdos de uma mídia para outra, não pode ser compreendida unicamente como a TV na internet, mas a TV que trafega também por este suporte.

*Vive-se a era da convergência. O telefone, a televisão e o computador não são mais objetos delimitados por fronteiras intransponíveis, com usos claramente distintos. Nesse contexto, torna-se algumas vezes difícil saber a qual desses meios de comunicação deve-se reservar o nome de televisão: certamente a tela que reina ainda na sala de estar parece merecer mais que os outros esse título, mas, do ponto de vista da função, que é a de permitir ver a distância, ela não é a única a desempenhar essa tarefa. O emprego da televisão, multiplicado no interior de um mesmo centro, da mesma forma que os computadores e os telefones móveis, faz com que não seja raro uma família dispor de cinco ou seis telas mínimas para receber as imagens difundidas... Nesse sentido, está assim reforçada sua presença no cotidiano (JOST, 2007, p 56)*

Sobre os desafios da implantação da TV no Tocantins o processo não foi menos difícil que nos outros estados da região. Mais uma vez o pioneirismo é marcado pela Rede Globo, embora a TV nesse estado não apresente vínculo com a Rede Amazônica e sim com as Organizações Jaime Câmara<sup>26</sup>.

<sup>26</sup> A Organização Jaime Câmara é formada por 26 veículos sediados nos Estados de Goiás, Tocantins e Distrito Federal. São onze emissoras de TV afiliadas à Rede Globo, três jornais e nove emissoras de rádio.

A proposição da TV como meio de desenvolvimento, como sinônimo de modernidade e progresso é uma marca forte na história do Tocantins, como trata a matéria de um jornal da época, sobre a inauguração do Canal 2, repetidora de Porto Nacional.

*É realmente um acontecimento da maior importância sociocultural (...), uma vez que a televisão na atualidade é o veículo de informação, divulgação e entretenimento de maior expressão. A televisão vai influir de maneira positiva para a maior integração dessa vasta e rica região do norte do Estado (Jornal O Popular de Goiânia, p. 06, 07/06/1978 apud SANTOS, 2007, p.3).*

Em Palmas (TO), a TV instala-se em 1989. Contudo deve-se levar em conta que Tocantins tornou-se estado pelo desmembramento de Goiás e, nesse estado, a TV Anhanguera entrou em operação em 24/10/1963<sup>27</sup>. Em seus tempos iniciais a TV de Tocantins contou com a colaboração da TV de Goiás, que cedeu equipamentos à TV tocaninense.

### Considerações sobre o percebido

Algumas considerações precisam ser feitas em relação ao cenário midiático da Região Norte. Primeiro, a pertinência da valorização do local. Destaca-se a afirmação de Ricardo Ribeiro<sup>28</sup>: “as pessoas hoje estão mais preocupadas com seu bairro, e os clientes perceberam que precisam acompanhar essas mudanças”. Ele refere-se à necessidade dos publicitários e anunciantes em falar com seu público- alvo de forma que ele entenda a mensagem que está sendo passada, com o maior nível de proximidade possível.

O interesse pelos dois focos traz a valorização do local e do regional para os veículos de comunicação e isso pode ser percebido a partir da criação de programas, jornais, revistas e outros meios que trazem as informações da região para mais perto do espectador. Tal fato evidencia uma ação “glocal”, da qual fala Graça (2006, p.5), ou seja, “pensa-se globalmente, agindo localmente; essa é a força que vem dos instrumentos de comunicação”.

É preciso, então, pensar o sujeito como cidadão do país e do mundo, sem ignorar os processos culturais que o cercam e/ou nos quais se acha imerso. Ou seja, ao mesmo tempo que ele é um ser local, ele é também global. Nesse sentido é que “a cultura é um processo de montagem multinacional, uma articulação flexível de partes, uma colagem de traços que qualquer cidadão de qualquer país, religião e ideologia pode ler e utilizar” (GARCÍA-CANCLINI, 2010, p. 32)

Não distante dessa ideia, Dutra explora o conceito de contrato de leitura, considerando que

*o que a mídia do centro hegemônico emite não é casual ou desconectado de seu universo consumidor, mas é produto de uma estratégia norteadora de um contrato de leitura. Se assim fala e escreve a mídia, é assim ou mais ou menos assim que seus leitores/ouvintes/espectadores desejam e esperam que seja dito e escrito (DUTRA, 2009, p. 41).*

Partindo dessas considerações é possível afirmar que a mídia mantém uma forma de relação com seu público, uma vez que ela se estrutura para conquistar este público, já que sem ele não faz sentido a existência de qualquer meio massivo.

27 Inicialmente a TV Anhanguera era afiliada à Rede Excelsior. Em 1968 diante da situação crítica da Excelsior, a Anhanguera passa a transmitir os programas da Rede Globo. A afiliação com a rede carioca é efetivada no ano de 1969.

28 Ricardo Ribeiro, do SBT, em entrevista para o Mídia Dados (2006, p. 150).

É pertinente considerar que o cenário midiático da Região Norte demanda ser compreendido em função da importância que os meios de comunicação têm para a região. Muitos nortistas, sejam aqueles que possuem televisão, sejam os que dispõem unicamente do “boca de ferro”, têm nesses meios formas únicas de estar a par de situações que ocorrem extralocalmente.

Outro fator é a “escassez” dos jornais impressos. Esse fenômeno acompanha um movimento nacional, dado que “no final do século XX, as empresas de comunicação já amargavam alguns prejuízos, e o novo século começou registrando uma queda na circulação da mídia impressa” (MATTOS, 2010, p. 29).

Mesmo com dificuldades, a presença da TV e do rádio trazem à região um novo sentido de vivência naquilo que diz respeito à dinâmica de vida cotidiana. Observa-se que apesar da TV já ter superado (em termos quantitativos) o rádio, este chega a locais que a televisão ainda não alcança. Aí está uma possível explicação para o grande número de rádios clandestinas na região.

O próprio formato atual de pequenas “caixas” de som, com entrada para dispositivos USB e que também comporta as ondas do rádio são uma “febre” para os jovens da zona rural da Região. A facilidade de locomoção e usabilidade de tal instrumento faz com que se possa ter acesso ainda mais fácil ao serviço de rádio.

Sobre os dados comparativos entre rádio e TV, no dia 18/11/2011 o IBGE (censo 2010) divulgou novos dados. O percentual de domicílios brasileiros com TV cresceu 12% nos últimos dez anos e agora são 97% os lares possuidores de TV. No mesmo período, a presença de aparelhos de rádio caiu de 87,45% para 81,4% do total. No entanto, essa queda deve ser analisada com cautela, diz o diretor-geral da Abert<sup>29</sup>, Luis Roberto Antonik.

Segundo ele, o IBGE, ao perguntar se o brasileiro tem um aparelho de rádio, e não se ele ouve o rádio, os “novos aparelhos de rádio”, que são celulares, computadores, *smartphones* e tocadores de mp3”, bem como os que estão no carro, não são levados em consideração<sup>30</sup>. Assim, a real dimensão desse fenômeno precisa ser melhor estudada.

Sobre a televisão é importante considerar que “os programas de televisão são para milhões de telespectadores a única aventura da semana, e para milhões de indivíduos, a única companhia dentro de casa; nos sentidos literal e figurado” (WOLTON, 2007, p.75). Essa reflexão é fundamental para que se possa entender a quantidade de horas que muitas pessoas permanecem diante da TV, como o caso de crianças na Comunidade São Pedro que chegam a passar até seis horas diárias diante da tela<sup>31</sup>.

Outra situação observada é o acelerado aumento do acesso à internet na região, o que é evidenciado por alguns fatores, tais como: o crescimento do número de usuários de internet, o aumento do número de rádios *online*, os conteúdos dos jornais impressos também em formato digital e a disponibilização do conteúdo de programas de TV na internet.

Sobre isso, é importante lembrar que

*A internet fascina mais que a televisão. E isto não somente porque se trata da técnica mais moderna, mas também porque a internet põe em questão os valores do individualismo, enquanto o rádio e a televisão vêm de uma problemática coletiva que todos reconhecem como indispensável, sem, entretanto, lhe atribuírem mais legitimidade (WOLTON, 2006, p.124).*

29 Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão.

30 Fonte: [www.coletiva.net](http://www.coletiva.net) / Matéria: IBGE divulga análise de dados sobre rádio e TV. Dia: 18/11/2011). Acesso em 19/11/2011.

31 Esta informação refere-se ao caso específico de duas crianças (uma de nove e outra de dez anos), em que a informação foi dada pelos pais e posteriormente observada e constatada.

É interessante considerar que o crescimento<sup>32</sup> de conteúdo e serviços na rede “não pode ser entendido como sinônimo de fácil acesso para a maioria da população da região ou ainda um serviço de qualidade<sup>33</sup> considerável. Ou seja, os serviços crescem sem a qualidade almejada – baixa velocidade e capacidade da rede, falta de políticas públicas de inclusão para população, custos não tão acessíveis para a realidade da maior parte da população etc.

A título de informação entre os *sites* mais acessados na Região Norte, as ferramentas de busca lideram com 40,67%. Redes sociais e fóruns aparecem em seguida, com 24,96%; e-mails com 9,39%, homepages com 7,63% e *sites* de entretenimento contam com 7,16% de acessos<sup>34</sup>. O que demonstra que os interesses são vários, mas há uma convergência para a dinâmica de interação nas redes sociais (HITWISE, 2011).

Considerando a especificidade da Região Amazônica, a internet, em um sentido metafórico, traz um novo conceito de navegação para os moradores, implicando, assim, uma nova forma de encarar os conceitos de distância e proximidade, que já não mais se resumem unicamente à dimensão geográfica.

Com a relativização desses conceitos, o individualismo e/ou coletividade passam também a ser metafóricos, uma vez que o passeio pela coletividade ou individualidade vai depender não unicamente do grau de envolvimento face a face, também do envolvimento com as mídias, das quais o homem amazonense faz uso.

## Referências

- AGRA, Klondy; BERNO, Geovani. **A televisão na Amazônia e sua contribuição ao desenvolvimento regional**. 2000. Disponível em: <[www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)>. Acesso em: 10 mar. 2011.
- AMARAL, Roberto e GUIMARÃES, César. Qué television, qué democracia? Uma reforma mínima de la TV brasileña. **Voces y Culturas: Revista de Comunicación**. Barcelona, N° 06, p. 63 - 85, I Semestre de 1994.
- ANUÁRIO DE MÍDIA. **Volume Regiões** (35 anos). Rio de Janeiro: Meio e Mensagem, 2011.
- BENETTE, Djalma L. **Em branco não sai**: um olhar semiótico sobre o jornal impresso diário. São Paulo: Códex, 2002.
- BRASIL. **Código Brasileiro de Telecomunicações**. Presidência da República. Casa Civil. Brasília: 1962. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4117.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4117.htm)>. Acesso em 03 out. 2011.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg a internet. 2ed. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BRITTOS, Valério; SIMÕES, Denis. **Para entender a TV Digital**: tecnologia, economia, e sociedade no século XXI. São Paulo: Intercom, 2011.
- CAPARELLI, Sérgio. **Televisão e capitalismo no Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 1982.
- CASHMORE, Ellis. **E a televisão se fez**. Tradução de Sônia Augusto. São Paulo: Summus, 1998.
- COELHO, Pedro. A função social das televisões de proximidade. Por um modelo de comunicação alternativo. Portugal: **Revista Estudos em Comunicação** n°1, 319-331, Abril de 2007.
- DUTRA, Manuel Sena. **A natureza da mídia**: os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade, os povos da floresta. São Paulo: Anablume, 2009.

32 Inicialmente a TV Anhanguera era afiliada à Rede Excelsior. Em 1968 diante da situação crítica da Excelsior, a Anhanguera passa a transmitir os programas da Rede Globo. A afiliação com a rede carioca é efetivada no ano de 1969.

33 De acordo com o primeiro relatório produzido (em 2010) pelo NIC.BR (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR), que implementa as decisões e projetos do Comitê Gestor da Internet no Brasil, sobre a qualidade das conexões de banda larga no Brasil obteve-se como principais resultados: - Os estados da Região Sul possuem a melhor velocidade média de download, com 3,48Mbps e 519Kbps de upload; - Os estados da Região Norte possuem a pior média de velocidade de download, 758Kbps e 219Kbps de upload; - A Região Norte ficou com o pior tempo de latência média: 616ms (quase 10 vezes mais lenta do que a Região Sul); - A Região Sul possui a maior média de velocidades altas. 19% das conexões ficam entre 6 a 17Mbps; A Região Norte ficou com as médias mais baixas. 37% das velocidades se situam até 256Kbps e 47% entre 256Kbps a 1Mbps. Disponível em: <<http://www.rondoniaoativo.com/news.php?news=65979>>. Acesso em 10/10/2011

34 Dados disponíveis em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/tecnologia/internet-regiao-norte-lidera-aumento-no-numero-de-acessos/44258/>>. Acesso em 08/10/2011.

FADUL, Anamaria. Decadência da cultura regional: Influência do rádio e da TV. In: **Comunicação e incomunicação no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1976.

\_\_\_\_\_. **A internacionalização da mídia brasileira**. Comunicação e Sociedade. São Bernardo do Campo: UMESP, n. 30, p. 67 – 91, 1998.

FAUSTO NETO, Antônio *et al* (orgs). **Midiatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008.

FERNANDES, Francisco Assis Martins. A regionalização da mídia. **Acervo**. Taubaté, ano 2, nº2, p.19 a 21, 2º sem/98

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. **Leitores, Espectadores e Internautas**. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. 3ed. São Paulo: Contexto, 2010.

GRAÇA, Márcio (org.). **Comunicação “IN” Rádio e Tv**. São Paulo: LCTE, 2006.

HITWISE. **Região Norte é a que mais cresce em acessos à internet**. Abril, 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/04/presenca-da-regiao-norte-na-internet-brasileira-cresce-19-diz-pesquisa.html>>.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas). **Censo Demográfico**. 2010.

JOST, François. **Comprender a televisão**. Tradução de Elizabeth Bastos Duarte et all. Porto Alegre: Sulina, 2007.

KENSKI, Vani. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. 6ªed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LIMA, Deborah de Magalhães. A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. **Novos Cadernos NAEA** vol. 2, nº 2 - dezembro 1999.

MALCHER, Maria Ataíde; LIMA, Regina Lúcia Alves de; VIDAL, Marly Camargo. **60 anos de Televisão Aberta no Brasil**: relatório de gestão Funtelpa 2007-2010. Belém:

FUNTELPA, 2010.

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira**. 5ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MÍDIA DADOS. Grupo de Mídia de São Paulo. **Mídia dados**. São Paulo, 2006.

MÜLLER, Karin. **Televisão Regional e Rede Nacional**: Um estudo de caso de emissoras afiliadas da Rede Bandeirantes de TV. Dissertação de Mestrado PPG/Comunicação Social. UNIMESP, 2007

OLIVEIRA, José Aldemir. Repensando o estudo das pequenas cidades amazônicas. **Revista UA**, Manaus: Editora Universidade do Amazonas, v.4, n.1-2, p.155-172, jan/dez.1995. Série: Ciências Humanas.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**: cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PACHECO, Agenor Sarraf. **En El Corazón de La Amazonía**: identidades, saberes e religiosidades no Regime das Águas Marajoaras. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: PUC-SP, 2009.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras, 2001.

**PANORAMA EVOLUTIVO DE MÍDIA**. Publitec: 1970 – 1979.

PEREIRA, João C. **Memória da televisão paraense e 25 anos da TV Liberal**. Belém: SECULT, 2002.

PERUZZO, Cícilia M. K. Mídia comunitária. **Revista Comunicação e Sociedade**. nº 30. São Bernardo do Campo: UMESP, p.141-157, 1998.

SANTOS, Jocyléia Santana dos. **A história da mídia audiovisual: a televisão no Tocantins**. Anais do V congresso Nacional de História da Mídia. INTERCOM: São Paulo, 2007

TAVEIRA, Eula Dantas. **História da Televisão Amazonense**. Anais do 1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. 1-5 de junho. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. Rede Amazônica de Comunicação. **Comunicação Veredas**. Ano III. Nº 03 – Novembro, 2004.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Trad. Vanda Anastácio. Difel: 1999.

\_\_\_\_\_. **É preciso salvar a comunicação**. (Tradução de Vanise Pereira Dresch). São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Tradução de Isabel Crossetti. 2ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.